

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

VITOR CABRINI

**DEPENDÊNCIA DE INTERNET: comparação de pesquisas de
campo brasileiras, latinas e americanas.**

São Paulo

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

VITOR CABRINI

DEPENDÊNCIA DE INTERNET: comparação de pesquisas de campo brasileiras, latinas e americanas.

Trabalho de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para Graduação no curso de Psicologia, sob orientação do Prof. Dr. Leandro Feitosa

São Paulo

2016

Dedicatória

*A Profa. Rosa Farah que, mesmo em um momento tão difícil,
se colocou a disposição para me ajudar.*

*Ao meu avó Paulino Sanson, que sempre foi meu exemplo,
e veio a falecer durante meu segundo ano de graduação*

Agradecimentos

À minha mãe, Rosângela, por sempre ter me ajudado nos momentos mais difíceis e por compartilhar os momentos de glória;

Ao meu pai, Francisco Vitor, que sempre esteve presente e me ajudou no que precisei.

À Rosa e Paulino, que sempre cuidaram de mim, desde criança quando passava o dia todo em sua casa.

À minha namorada, Beatriz Gaspar, que sempre esteve presente durante toda a trajetória da minha graduação, nos momentos difíceis e nos de comemoração.

A todos meus amigos, especialmente ao Alexson Sarmiento, Renato Nunes e Arthur Gadelha, por sempre apoiarem e compartilharem risadas durante todos esses anos de amizade.

Aos professores do colégio Stella Rodrigues Ana Paula Alegre, Marcos Pereira, Caique Abraão, Ana Lucia (Fuzileira), Luciano Mello, Hugo Anselmo, Thiago Tozi, que formaram a base que possibilitou-me chegar onde cheguei.

A todos os professores da faculdade, em especial ao professor Ari, que, em suas aulas, sempre fomentou minha curiosidade e vontade de aprender.

À professora Mônica, Denigés, Bruno e Thomas, por sempre terem fomentado minha curiosidade pela Análise do Comportamento e, em especial, à professora Maria Luisa Guedes (Ziza), por ter caminhado junto comigo ao longo dessa graduação.

Ao Professor Leandro Feitosa, que me deu aula no primeiro ano de faculdade, na disciplina de história da psicologia e foi um ótimo orientador de TCC.

À professora Ivelise Fortim, que além de grande inspiração para esse trabalho, aceitou o convite de parecerista.

À Profa. Rosa Farah, que nesse momento tão difícil de sua vida, acatou meu pedido de ajuda e deu grandes contribuições para este trabalho.

Título: Viciados em internet: comparação de pesquisas de campo brasileiras, latinas e americanas.

Ano: 2016

Orientando: Vitor Cabrini

Orientador: Prof. Leandro Feitosa Andrade

RESUMO

A *internet* está presente em todos os lugares, nos lares, no trabalho e até nos celulares, permitindo, com isso, estabelecer uma conexão em qualquer lugar e hora. Por conta disso, há que se depender dela para trabalhar, se comunicar com entes queridos, descontraír, fazer compras e muitas outras coisas. Esse contexto levantou a seguinte questão: a dependência dessa tecnologia poderia ser caracterizada como uma patologia? Há muitas controvérsias envolvendo esse assunto. Desse modo, a pesquisa que foi empreendida realizou um levantamento bibliográfico nas pesquisas brasileiras, latinas e americanas, com a finalidade de comparar seus resultados e observar se seriam os mesmos encontrados no Brasil. O presente trabalho utilizou 19 pesquisas que foram levantadas a partir de uma busca prévia no *Scielo*, Google Acadêmico e base de dados da USP, PUC e UNICAMP, sendo que relataram prejuízos causados pelo uso indevido desta tecnologia. Os três principais prejuízos foram: deixar de fazer tarefas para permanecer online; problemas na vida social e problemas na vida acadêmica, além disso, os aplicativos e a razão para o uso parece serem as mesmas. Foi constatada muitas contradições entre os autores a respeito da relação com gênero, se a *internet* isolaria ou não, da própria caracterização deste problema e de como mensura-lo, mas nenhum autor negou que a internet poderia causar prejuízos a vida do sujeito e por conta disso foi investigado se existia algum centro de tratamento no Brasil e como ele funcionava. Visto os prejuízos que essa tecnologia poderia vir causar, seria preciso aprender usa-la de forma “saudável”, assim evitaria possíveis problemas.

Palavras-chave: Vício em *internet*, *internet addiction*, dependência de *internet* e *internet*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 Concepções gerais da internet	11
1.2 Concepções a respeito da dependência em internet	13
1.3 Centros de Tratamento no Brasil	16
1.4 Vício em internet e DSM-V	19
2 OBJETIVO	20
3 MÉTODO	21
3.1 Coleta de dados	21
3.2 Informações levantadas	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
4.1 Resultados da coleta de dados	24
4.2 Resultados das 19 pesquisas utilizadas para o estudo	27
4.2.1 Dados básicos	27
4.2.2 Relação gênero e adição à internet	28
4.2.3 Instrumento utilizado para avaliar vício em internet	29
4.2.4 Casos de dependência encontrados	32
4.2.5 Horas semanais conectado	33
4.2.6 Aplicativos mais utilizados:	35
4.2.7 Razão para usar a internet	42
4.2.8 Prejuízos relatados	43
4.2.9 Sintomas físicos e psicológicos relatados	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
6 REFERÊNCIAS	56
7 ANEXOS	63

7.1 Dicionário de termos e aplicativos	63
7.2 Tabelas.....	65

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Porcentagem de pesquisas em relação por países (N=297).....	24
Figura 2 - Origem das publicações brasileiras (N=92).....	25
Figura 3 - Relação de publicações de todos os países por ano (N=297)	26
Figura 4 - Total de pesquisas x pesquisas que utilizaram IAT.....	30
Figura 5 - Pessoas dependentes x participantes da pesquisa.....	32
Figura 6 - Aplicativos mais utilizados.....	35
Figura 7 - Principais motivações para se conectar a rede (N=12)	42
Figura 8 - Número de vezes que foi citado cada prejuízo (N=14).....	44
Figura 9 - Sintomas e sentimentos relatados a respeito da utilização da internet (N=11).	46
Figura 10 - Sintomas físico e psicológicos mais relatados (N=8)	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Tabela de dados fundamentais (N=19).....	28
Tabela 2 - Quantidade de horas conectado durante o tempo de lazer	34
Tabela 3 - Total de artigos encontrados	65
Tabela 4 - Detalhamento dos 19 artigos	66

LISTA DE ABREVIATURAS

CETIC: Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação.

ANATEL: Agência Nacional de Telecomunicações.

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

DSM: É um Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (atualmente está na versão V).

UPI: Uso Patológico de Internet.

NPPI: Núcleo de Pesquisa da Psicologia em Informática.

PROAD: Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes.

AMITI: Ambulatório Integrado dos Transtornos do Impulso.

CEFI: Centro de Estudos da Família e do Indivíduo.

EAIL: *Escala de Adicción a Internet de Lima*. Teste utilizado para diagnosticar dependência de internet.

IAT: *Internet Addiction Test*. É um teste utilizado para diagnosticar dependência em internet.

UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas.

USP: Universidade de São Paulo.

PUC: Pontifícia Universidade Católica.

FAPESP: Fundação do Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo.

CNPQ: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

CID: Classificação Internacional de Doenças. Atualmente está na sua décima versão.

TICs: Tecnologias de Informação e Comunicação.

BFAS: Bergen Facebook Addiction Scale.

SNS: *Social Networking Sites*.

TDAH: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

High School corresponde à fase de ensino médio no Brasil.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Concepções gerais da internet

A *internet* é criada, em meados dos anos 70, com finalidade militar. Em 1971, o *e-mail* surge como uma revolução na forma de comunicação. Segundo o site Brasilecola¹, a *internet* chega ao Brasil em 1989, mas apenas em dezembro de 1994, a Embratel cria um projeto onde as pessoas poderiam acessá-la por meio de linhas telefônicas discadas.

Hoje em dia, a *internet* é tão necessária quanto à luz elétrica. Essa nova tecnologia se difundiu por todo o mundo, sua praticidade e velocidade são superiores a tudo o que se conhecia até o momento. É possível estar na América e falar em tempo real com uma pessoa que está na Ásia.

Estamos presenciando o nascimento de uma nova era, a era da *internet* 3G e 4G. Antes dessa tecnologia só podíamos nos conectar à rede a partir de um ponto fixo, um computador ou de um ponto de *wifi* para conectar nossos *notebooks*, porém essa nova tecnologia nos permite que os *smartphones* permaneçam conectados à *internet* em qualquer lugar (desde que se tenha sinal) e a qualquer momento.

A quantidade de horas que se passava na frente de computadores era muito grande, praticamente “vivia-se” na frente de tal equipamento, seja trabalhando, se relacionando com outras pessoas, estudando, fazendo pesquisas, descontraindo, fazendo compras ou em outras atividades, mas atualmente com os *smartphones* muitas dessas tarefas são realizadas através desses aparelhos, assim a quantidade de horas em frente a um computador reduziu consideravelmente. Com a introdução dos *smartphones* passa-se a ficar quase “*full time*” conectado. Segundo Barreto (2014) “esta geração está sendo conhecida não apenas como geração Y, mas como os nativos digitais, geração *net*, geração *Google*”.

O Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), em seu primeiro Censo², em 2005, constata que, apenas 13% da população brasileira, possuía acesso à rede em seu domicílio. Assim, serviços como *Lan Houses*, tornam-se populares em todo país. O serviço consiste em pagar um determinado

¹ Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/informatica/internet.htm>

² Disponível em: <http://data.cetic.br/cetic/explore>

preço para acessar um determinado tempo de internet. Em 2014, o CETIC obteve dados de que 50% da população brasileira já possui acesso à rede em seus próprios domicílios. Estabelecimentos como *Lan Houses* são incomuns de se encontrar nos grandes centros, a maioria das pessoas que frequentam esse serviço são jovens, que vão para jogar *online* ou em rede (jogar com as pessoas que estão conectadas naquela *Lan House*).

Os dados da pesquisa realizada pelo CETIC, em 2013, contabiliza a existência de 85,9 milhões de pessoas (acima de dez anos) com acesso a *internet* no Brasil, o que corresponde a 51% da população brasileira. Um dado interessante é que 49 milhões de pessoas, com renda de até dois salários mínimos, não possuem acesso à *internet*.

A Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL)³, em fevereiro de 2016, registra um total de 258.062.777 milhões de celulares no país, a região que mais possui aparelhos é a Sudeste seguida da Nordeste. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴ contabiliza que a população brasileira, hoje, é cerca de 205.785.988 milhões de pessoas, ou seja, existem mais celulares do que habitantes no Brasil, assim muitas pessoas estão à disposição da comunicação o tempo todo, já que o celular se faz sempre presente onde o indivíduo estiver.

Os hábitos estão mudando por conta dessa nova tecnologia, pois, ao invés de ler livros no metrô, agora olha-se para a tela do celular que, além de poder conter livros, permite que se comunique com várias pessoas, ao mesmo tempo, jogar, navegar na *internet*, acessar as redes sociais, ler as notícias do dia, entre outras várias funções. Os celulares tornam a vida muito mais imediata do que era antes; não é mais necessário estar em computador para acessar os *e-mails*, basta ter o aplicativo no celular e o acesso à *internet* acontece em qualquer lugar. Nesse mundo conectado, tudo se torna mais rápido e imediato, com “dois toques” na tela do *smartphone* pode-se acessar diversos conteúdos e aplicativos.

Existem crianças com três anos que sabem usar o *tablet*, entrar no “*youtube*” e colocar um vídeo que querem assistir. Pouco se vê crianças de classe média-alta saindo para brincar fora de suas casas; em sua maioria, estão em seus lares jogando videogames, no computador ou em seus *smartphones* ou *tablets*.

³ Informação disponível em: <http://www.teleco.com.br/ncel.asp>

⁴ Informação disponível em: <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>

A *internet* tem sido alvo de muitos estudos nos últimos tempos, até porque ela é parte indispensável da vida das pessoas, mas só existem ganhos com a *internet*? Existem consequências ruins que a *internet* traz? Alguns estudos mostram que o uso inadequado dessa tecnologia pode acarretar em graves consequências à saúde, tanto física, quanto mental, do usuário e seus familiares.

1.2 Concepções a respeito da dependência em internet.

A revisão bibliográfica realizada por Abreu et al (2008), cita Goldberg (1995) como o primeiro a tentar uma caracterização sobre o vício em *internet*. No ano seguinte, Young (1996) conduz o primeiro estudo empírico do problema, a partir do DSM-IV⁵ e utiliza alguns critérios que são usados para dependência de substâncias para caracterizar a dependência de *internet* e por isso fica o termo “*addiction*”, que é ligado ao uso de substância química. Com o tempo, Young (1998), muda sua proposta, já que não se nota muitos dos comportamentos e sintomas associados à dependência química. Em seu novo critério, a autora emprega oito dos dez critérios de jogo patológico do DSM-IV e é incluído mais um, “ficar mais tempo conectado do que o pretendido”. Fortim (2013), descreve os critérios de diagnósticos para a dependência da *internet* (deve responder *sim* em cinco ou mais) formulada por Young (1998):

- 1- Você se sente preocupado com a internet: pensa sobre as suas conexões anteriores ou antecipa suas próximas conexões?
- 2- Você sente necessidade de usar a internet com crescentes períodos de tempo de conexão para poder atingir satisfação?
- 3- Você já fez tentativas repetidas de tentar, sem sucesso, controlar, diminuir ou parar de usar a internet?
- 4- Você se sente inquieto, mal humorado, depressivo ou irritado quando tenta diminuir ou parar o seu uso da internet?
- 5- Você fica mais tempo online do que o planejado?
- 6- Você desafiou ou colocou em risco a perda de relacionamentos significativos, trabalho, escola ou oportunidades de carreira por causa da internet?
- 7- Você já mentiu para membros da família, terapeuta, ou outros para esconder a extensão de seu envolvimento com a internet?
- 8- Você usa a internet como uma forma de escapar de problemas ou para se aliviar de um mau humor (exemplos: sentimentos de solidão, culpa, ansiedade ou depressão)? (Fortim, 2013, p. 35)

⁵ DSM IV: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. O DSM-IV foi publicado em 1994 e dirigido por Allen Frances

Turkle (2011), defende que o termo “*addiction*” não é o correto para usar em relação ao uso abusivo da internet, porque esse termo coloca a internet como uma substância *adictiva*, mas não se pode livrar-se dela, assim deve-se aprender a conviver com ela de forma mais saudável. Existem muitos termos para se referir ao vício em *internet* e cada um deles carrega uma concepção diferente. Em sua tese de mestrado, Fortim (2013), realiza um levantamento dos termos mais usados hoje em dia, são eles:

Internet addiction, ainda é o mais usado, autores como BAI; LIN; CHEN, 2001; BAKEN; WNZEL; CHO; LEE 2004, DEJOIE, 2001, entre outros utilizam tal nomenclatura, é interessante notar que os autores são de diferentes países.

Pathological internet use (PIU), os autores DEJOI, 2001; KRATZER; HEGREL; WNZEL; BERNARDI; PALLANTI, 2009; entre outros usam essa nomenclatura.

Problematic internet use, também é encontrado na literatura, alguns autores que utilizam essa nomenclatura: BaKKEN; WENZEL; CHO; LIU; KIM; SHAPIRA; GOLDSMITH; entre outros.

Internet abuse, *internet dependency*, *computer adiction*, *harmful use of internet*, *coumpulsive internet use*, *maladaptative internet use*, também podem ser encontrados.

No Brasil, os termos mais encontrados são: “uso patológico da internet”, (FORTIM, 2004b; PRADO, 1998, HONORATO, 2000) e “dependência de internet” (STRAVOGIANNIS; ABREU, 2009; VIEIRA 2006). A imprensa se refere como vício em *internet*. (Fortim, 2013, p. 26)

Além de possuir várias nomenclaturas, a dependência de *internet* também não possui uma definição fixa. Vários autores defendem posições diferentes. Young, por exemplo, defende que a *internet*, em si, pode viciar, pois acredita-se que existe vício em *internet*. Porém, na atualidade, a autora defende que seria um transtorno do controle do impulso (Fortim, 2013).

Abreu et al (2008) baseiam-se nos critérios de Shapira et al (2003), que defende que o vício em *internet* é um transtorno do controle do impulso. Alguns autores discordam que a dependência em *internet* é uma patologia em si. Esses autores vêem o Uso Patológico da Internet (UPI), como um subproduto de outras patologias, ou um meio em que a patologia se aplica; assim, o sujeito que faz muitas compras na *internet* não tem problemas com a *internet*, e sim, compulsão por compras e usa a internet de forma compulsiva. Outros defendem que o transtorno é uma dependência comportamental. A

maioria dos pesquisadores asiáticos trabalha com a noção de que a internet pode causar dependência, não importa o aplicativo que se usa.

Young (1999) divide o vício em internet em cinco grandes categorias:

- 1- Adição a cibersexo, envolvendo uso compulsivo de sites de cibersexo e pornografia.
 - 2- Adição a ciber-relacionamentos, envolvendo relacionamentos virtuais.
 - 3- Compulsões de rede, que envolvem atividades como jogos de azar online, compras e leilões virtuais.
 - 4- Excesso de informação, que envolve compulsão a navegação na internet
 - 5- Adição ao computador, envolvendo jogos no computador.
- (Young 1999, apud Fortim, 2013, p. 28)

Embora não haja um consenso dos autores sobre o critério e, conseqüentemente, a nomenclatura, todos concordam que o uso inadequado de *internet* pode causar conseqüências negativas e que esse uso excessivo traz sofrimento para o usuário. Abreu et al (2008) citam algumas conseqüências psicossociais relacionadas ao uso abusivo da *internet*: depressão, problemas nas relações interpessoais, diminuição nas atividades e na comunicação social e solidão.

Fortim (2013) realizou sua pesquisa analisando os dados coletados pela equipe do NPPI⁶. Para tanto, avalia 278 *e-mails* recebidos pela equipe desse serviço, entre fevereiro de 2001 até julho de 2011. Nestes *e-mails*, a autora observa relatos de pontos negativos do uso abusivo da *internet*, estes foram: prejuízo no trabalho, comprometimento social, prejuízo nos estudos, conflitos conjugais, conflitos familiares, descuido consigo mesmo, negligencia da rotina domestica, alterações psicológicas e descuido com dependentes. Del Poço (2014), também realizou sua pesquisa no NPPI e constatou que as principais queixas que o centro recebeu foram: gasto excessivo de tempo, não concentrar em outras atividades, prejuízo no relacionamento conjugal, ansiedade por não acessar a rede, deixar de estudar ou de trabalhar e descuidar de si.

Del Poço (2014), em seu trabalho de conclusão de curso também analisa *e-mails* enviados ao NPPI de janeiro de 2012 a abril de 2014, seu enfoque foi selecionando mensagens eletrônicas com conteúdos sobre uso abusivo de comunicação virtual. Sua população foi de 15 usuários do NPPI, porém cinco destes usuários não foram à procura

⁶ NPPI: Núcleo de Pesquisa da Psicologia em Informática, um serviço da Clínica Escola da PUC-SP

de ajuda por conta própria e sim foram terceiros buscando ajuda. Isso mostra como o uso abusivo da *internet* afeta todo o contexto social da pessoa.

O (CETIC) realiza pesquisas, anualmente, e verifica se o acesso à rede está crescendo e de que forma ele cresce. Os dados da pesquisa realizada em 2014 contabilizam que 58% da população brasileira já acessaram ou acessa a *internet*. Um dado muito interessante é que apenas 32% da população que tem renda de até um salário mínimo já acessaram ou acessa a *internet*, 49% da população entre um e dois salários mínimos já acessaram a rede e 90% da população com mais de dez salários mínimos frequentam a *internet*.

1.3 Centros de Tratamento no Brasil.

Tendo em vista que 58% da população brasileira tem acesso à *internet* e agora que já é sabido algumas consequências negativas que esta pode causar, pergunta-se: existe algum centro de tratamento no Brasil? Sim, existem quatro centros de referência para tratamento de uso abusivo de *internet* no Brasil.

1- NPPI, Núcleo de Pesquisa da Psicologia em Informática, da PUC de São Paulo-SP⁷.

O NPPI é criado em meados de 1995 com o intuito de organizar o site da Clínica Psicológica da PUC-SP. Porém, desde 1997 realiza estudos e pesquisas na área das interfaces psicologia e informática, trabalha com desenvolvimento e supervisão de novas modalidades de serviços psicológicos informatizados, como a Orientação Via Email. Existem três opções dessa orientação para a população atendida: "Orientação Pontual", breve e focada em temas gerais; Orientação para queixas que envolvem "vício" (uso compulsivo de *internet*) e a Orientação Estendida, para casos onde, de acordo com a queixa, exista uma necessidade de um contato mais extenso com a internauta. Nos processos de "vício" e orientação estendida o processo pode se realizar em até 20 sessões ou trocas virtuais com a pessoa solicitante.

O NPPI não visa fazer um diagnóstico preciso e nem foca em fazer uma psicoterapia via *e-mail*, o objetivo do NPPI é acolher o sofrimento pelo qual o sujeito está passando. O atendimento é feito a partir de uma análise da mensagem recebida, visando

⁷ Disponível em :<http://www.pucsp.br/nppi/>

entender melhor a questão que o sujeito está trazendo e dependendo da demanda, é feito um encaminhamento para um serviço de atendimento presencial.

2- PROAD, Programa de Orientação e Atendimento a Dependentes, é mantido pela Unifesp São Paulo-SP⁸.

O PROAD é criado em 1987, com o objetivo de desenvolver atividades de assistência, ensino, pesquisa e prevenção na área das dependências. Inicialmente funcionava nas dependências do Departamento de Psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e, a partir de 1991, passou a ocupar espaço físico independente, adquirindo a autonomia desejável para o tipo de trabalho proposto.

Em 2005, percebendo os desafios que a modernidade impôs, o PROAD passa a prestar assistência, também, para dependentes de compras e de *internet*, de modo a dar conta da demanda que os atingia e da observação de mudanças sociais e culturais observadas, como as relativas ao uso de computadores e telefones celulares.

Tem como missão promover assistência a portadores de dependências de comportamentos, como jogos, sexo, compras, uso de internet ou dependências afetivas.

O tratamento privilegia a compreensão mais complexa e aprofundada do fenômeno da dependência, tendo como objetivo não apenas a mera promoção de comportamento adequado ou promoção da abstinência de determinado comportamento, mas principalmente auxiliar o paciente a compreender os motivos, sentidos e história envolvidos na relação com determinadas ações, de modo a ajudá-lo a recuperar a liberdade de escolha que sente que foi perdida. (PROAD, 2015)

Para isso, é oferecido um programa de tratamento com várias conformações de psicoterapia, grupal e individual, psicodinâmica, comportamental e ocupacional, além de tratamento psiquiátrico de eventuais comorbidades clínicas concomitantes. Dispõem de atendimentos ambulatoriais para indivíduos adultos e que desejam de espontânea vontade se tratar.

3- PRO-AMITI, Ambulatório Integrado dos Transtornos do Impulso, é mantido pelo Hospital Das Clínicas de São Paulo, São Paulo-SP⁹.

⁸ Disponível em: <http://www.psiquiatria.unifesp.br/d/proad/proad/>

⁹ Disponível em: <http://www.proamiti.com.br/>

O AMITI aborda múltiplos diagnósticos, porém todos ligados à extrema impulsividade. Cada vez mais pessoas procuram ajuda para o tratamento de dependências tecnológicas, devido a inúmeros aspectos psicológicos (baixa autoestima, depressão, fobias sociais, dentre outro) e sociais (a solidão, isolamento e o estilo de vida nos grandes centros urbanos).

Tal quadro se dá, através do crescimento acelerado do acesso a *internet*. O programa oferecido pelo AMITI, em relação à dependência da *internet*, é um atendimento ambulatorial multidisciplinar. Após uma pré-triagem, o psiquiatra realiza uma consulta para avaliação e, após isso, é oferecido um plano terapêutico ao paciente, seja em grupo ou individual, que constitui em acompanhamento de um psiquiatra e de um psicólogo. Seguem os programas:

- I- Tratamento semanal de psicoterapia em grupo é realizado as quartas de manhã para adolescentes e adultos com mais ou menos 1 hora e meia de duração e sua duração total é de 18 semanas.
- II- Tratamento psiquiátrico.
- III- Psicoterapia individual, quando necessário.
- IV- Grupo psicoterapêutico para pais de adolescentes.
- V- Programa de educação continuada aberto ao público “saúde mental e internet”. (PRO-AMITI, 2015).

4- CEFI, Centro de Estudos da Família e do Indivíduo Porto Alegre- RS¹⁰.

O CEFI é um núcleo destinado à pessoa com qualquer tipo de dependência, sejam substâncias psicoativas, como álcool, *crack*, cocaína, entre outros; ou comportamentos compulsivos, como jogo patológico, vício em *internet* e sexo. O tratamento realizado pelo CEFI é feito a partir de uma equipe multidisciplinar de psiquiatras a psicólogos, dispõe de terapias individuais, em grupo e em família. Além disso, engloba a rede social do dependente.

Diante da multicausalidade da dependência química, o CEFI propõe uma abordagem inovadora para o tratamento: Programa de Integração. Esse programa tem como objetivo estimular que o processo terapêutico alcance a recuperação sem que o dependente saia de seu contexto, utilizando vínculos familiares, sociais e laborais como recursos terapêuticos, promovendo mudanças de comportamento para uma vida saudável.

¹⁰ Disponível em: <http://www.cefipoa.com.br/>

O programa Integração é composto de 4 etapas:

- I- Fase de preparação: envolvimento da rede social do dependente químico, atividades de grupos terapêuticos, cumprimento das normas do programa em todas as atividades dispostas. Duração de 6 a 9 meses.
- II- Fase ComVida: continuidade dos grupos terapêuticos com atividades que preparem para a autonomia. Duração de 6 a 9 meses.
- III- Fase PraVida: Construção para o domínio da própria vida. Duração de 6 a 9 meses (CEFI, 2015).

1.4 Vício em internet e DSM-V

O vício em *internet* não está incluído no DSM-V por conta do número insuficiente de pesquisas, mas este aparece no apêndice, para estimular mais pesquisas sobre o tema. O'Brien et al (2010) sinaliza que, em alguns anos, quando a versão DSM-V.1 for lançada, o vício em *internet* será incluído. Porém, isso vai depender da quantidade de estudos científicos que serão realizados a respeito do tema.

Em vista de todas as pesquisas, nota-se que existem vários “métodos” de se abordar o vício em *internet*, desde não acreditar que seja uma patologia em si e sim ser um “subproduto” de outra patologia, a outras que defendem que é um transtorno de comportamento. Byun et al., 2009 em seu artigo, fazem críticas à literatura sobre as pesquisas de dependência de *internet*. A crítica principal é a falta de consenso para um diagnóstico, ou seja, os centros de tratamento usam autores diferentes como referência. Assim, muitas vezes, um paciente que é diagnosticado em um critério não seria categorizado no outro. Outra crítica muito relevante é a falta de escala padrão, assim dificultando a comparação de resultados entre os estudos. Fortim (2013) diz que a padronização é interessante, porém ela demonstra preocupação com a banalidade do diagnóstico, levando a tratamentos que não seriam necessários. A autora ressalva que a formalização do diagnóstico “não tenha outros usos que sejam políticos, sociais e de controle” (p. 146).

Christakis (2010), em seu artigo, relata que do mesmo jeito que as empresas de tabaco tentam “empurrar para trás” a relação do cigarro com o câncer, o mesmo pode acontecer com a *internet*. O autor defende estar na “infância” das pesquisas a respeito do

assunto e que "qualidade global dos dados no máximo é mediana" (p. 2), mas isso não deve distrair ou impedir de crer que o vício em *internet* pode ser um problema emergente.

De modo geral, em cada lugar, o tratamento acontece de uma maneira, assim o vício é abordado de formas diferentes. Na China, existem clínicas de internação e até o uso de eletrochoque. Segundo Fortim (2013), eles tratam a dependência de *internet* como grande problema de saúde pública; já nos EUA, a terapia comportamental cognitiva é aplicada juntamente com uso de remédios. No Brasil, existem quatro grandes centros de referências para tratamento. No Peru, eles desenvolveram uma escala própria para a avaliação do vício, o Escala de Adicción, a Internet de Lima (EAIL). Segundo Lam-Figueroa et al (2011), o instrumento foi desenvolvido, porque o Internet Addiction Test (IAT), foi criado em um país desenvolvido e não faria sentido aplicar o mesmo teste em um país emergente.

2 OBJETIVO

A partir da leitura dos trabalhos de Fortim (2013) e Del Poço (2014), realizados com base nos dados do Núcleo de Pesquisa da Psicologia em Informática (NPPI), surgiu o interesse de comparar os dados obtidos nestas com outras pesquisas brasileiras e com dados obtidos nas pesquisas dos Estados Unidos e na América Latina. Assim, após o levantamento dos dados, será realizado uma comparação entre os resultados, a fim de verificar se os resultados encontrados no Brasil corroboram os dados encontrados na América Latina e nos EUA. É esperado encontrar igualdade entre os dados. O levantamento de dados será realizado nos sites: *google* acadêmico, *Scielo* e nos bancos de dados das faculdade PUC SP, UNICAMP e USP.

3 MÉTODO

3.1 Coleta de dados

As pesquisas foram realizadas nos *sites*: *Scielo*, *Google acadêmico*, base de dados da PUC SP, USP e UNICAMP. Na primeira coleta, as palavras chaves utilizadas foram “vício em *internet*”, “*internet addiction*” e “dependência de *internet*”, quando estas não encontravam resultados, a palavra “*internet*” foi utilizada. Os dados que apareciam eram observados e, caso tivessem relacionados com psicologia ou *internet*, eram classificados também.

Além das palavras chaves os trabalhos deveriam cumprir os seguintes requisitos para ser incluída na pesquisa:

- 1) Pesquisas publicadas entre 2000 e 2015;
- 2) Estarem relacionadas com vício em *internet* ou psicologia;
- 3) Só foram incluídas as pesquisas que estivessem em português; inglês e espanhol;
- 4) As duplicatas não foram excluídas, assim alguns artigos apareciam tanto pelo *Scielo* quanto pelo *Google Acadêmico*;
- 5) Artigos que necessitavam de pagamento para serem acessados foram automaticamente excluídos.

Inicialmente, foram encontrados 297 arquivos de diversos países e com diversos temas relacionados ao vício em *internet*. As 297 pesquisas foram filtradas com base nas seguintes categorias:

- 1) Apenas trabalhos da América Latina, Estados Unidos e Brasil;
- 2) Que abordassem o tema dependência de internet.

Foram selecionadas 45 pesquisas, seguindo tais critérios, sendo oito na América Latina, 25 no Brasil e 12 nos Estados Unidos.

O maior número de pesquisas brasileiras pode ser explicado pelo uso de duas palavras chaves em português. A proximidade da língua portuguesa com a espanhola fez com que pesquisas em espanhol aparecessem e, por conta disso, foi modificado o objetivo inicial, que era uma comparação entre as pesquisas no Brasil e nos Estados

Unidos, para a comparação entre esses dois países e também com pesquisas da América Latina.

Na terceira e última coleta, as 45 pesquisas encontradas foram lidas e, a partir disso, foi decidido utilizar apenas as pesquisas que tivessem como população alvo pessoas¹¹. Por conta disso, o total de pesquisas foi de 19 (sendo três dos EUA, cinco da América Latina e onze do Brasil).

A redução drástica do número de pesquisas americanas acontece, porque o acesso era pago, um dos critérios de exclusão e também revisões bibliográficas. A categoria América Latina não conta com as pesquisas brasileiras, essas foram separadas em uma categoria exclusiva (Brasil). Foram encontradas cinco pesquisas na América Latina, três são do Peru, uma do Equador e a outra da Colômbia.

3.2 Informações levantadas

Foi realizada uma leitura flutuante das 19 pesquisas e, a partir disso, foram criadas onze categorias que as pesquisas deveriam responder para, depois, comparar os dados de cada pesquisa.

Seguem as categorias:

- 1) Qual a porcentagem de cada sexo (biológico) nas amostras;
- 2) Número de participantes;
- 3) Idade (idade média e a amplitude de idade da pesquisa);
- 4) Verificar se o autor fez alguma correlação da idade com a dependência de *internet*;
- 5) Qual instrumento utilizado para avaliar a dependência em *internet*;

¹¹ Foram selecionados os trabalhos que tivessem aplicado testes, entrevistas ou a leitura de *e-mail* de relatos de pessoas ou qualquer tipo de trabalho que envolvesse público.

- 6) Casos relatados de dependência;
- 7) Tempo que passa conectado a internet;
- 8) Aplicativos mais utilizados pelos participantes;
- 9) Razão do uso (como o usuário justifica seu uso);
- 10) Consequências negativas relatadas. As consequências negativas são os prejuízos causados pela dependência em *internet* na vida pessoal do indivíduo;
- 11) Problemas relatados. Relatos de problemas físicos e psicológicos causados pela utilização indevida da *internet*.

A partir das categorias, foi realizado o agrupamento dos resultados e, após, a construção de tabelas e gráficos, para demonstrar melhor os resultados obtidos. São dados que foram discutidos, utilizando como base para a discussão as 19 pesquisas. Também, foram utilizados outros autores que discorreram sobre o tema, mesmo que esses trabalhos não pertencessem à América Latina, Estados Unidos e Brasil.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Resultados da coleta de dados

A figura 1 mostra a porcentagem de trabalhos encontrados por país. A figura se refere ao primeiro levantamento feito, assim ele mostra a distribuição das 297 pesquisas.

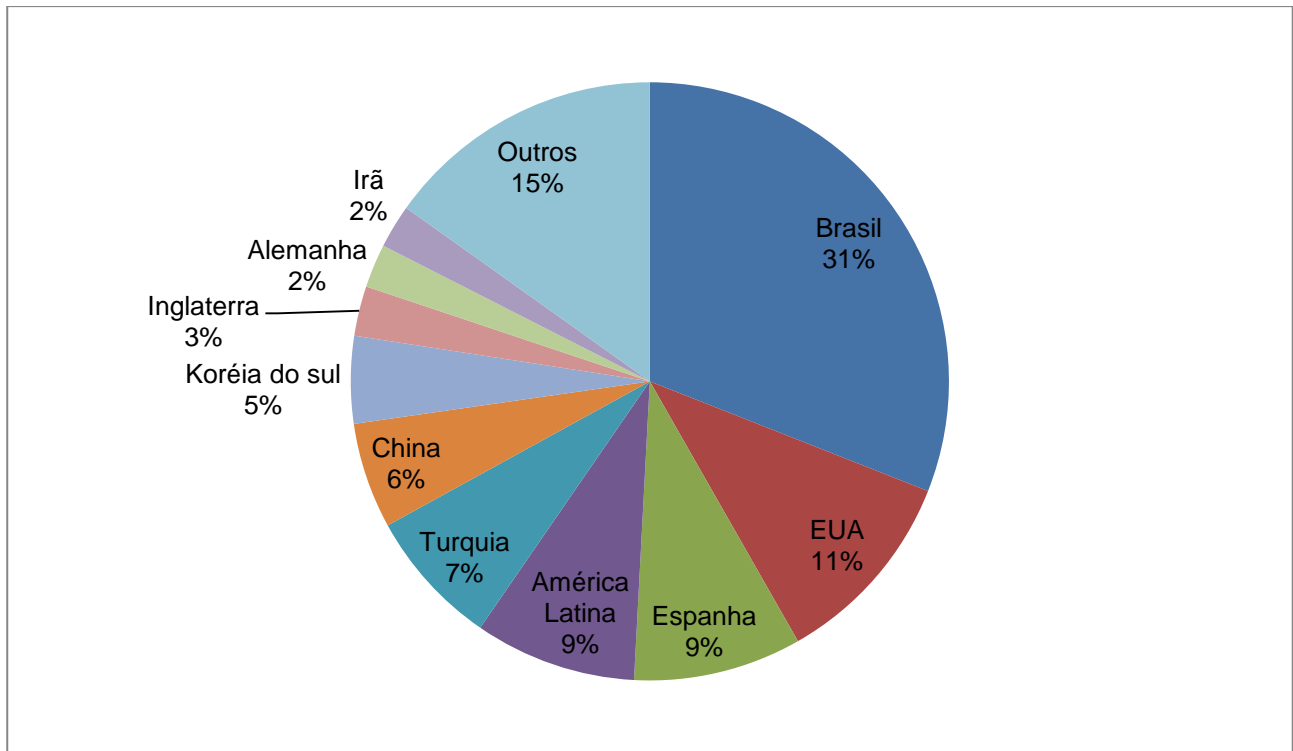


Figura 1 - Porcentagem de pesquisas em relação por países (N=297)

Nota-se que o Brasil lidera com 31% do total de dados encontrados e, em seguida, vêm “outros” com 15%¹². Esse dado acontece porque duas das quatro palavras chaves usadas são portuguesas e três sites, UNICAMP; USP e PUC-SP, são de origem brasileira. Assim, os resultados dispararam, não retratando com fidedignidade a situação mundial. Por exemplo, se olhar apenas para os resultados encontrados no *Google Acadêmico* com a palavra chave “*internet addiction*” pode-se obter 159 artigos e desses, apenas 4, foram produzidos no Brasil.

A figura 2 mostra a origem das publicações no Brasil.

¹² O dado de “outros” é muito alto por conta da diversidade de países e com poucas produções (entre um a três artigos).

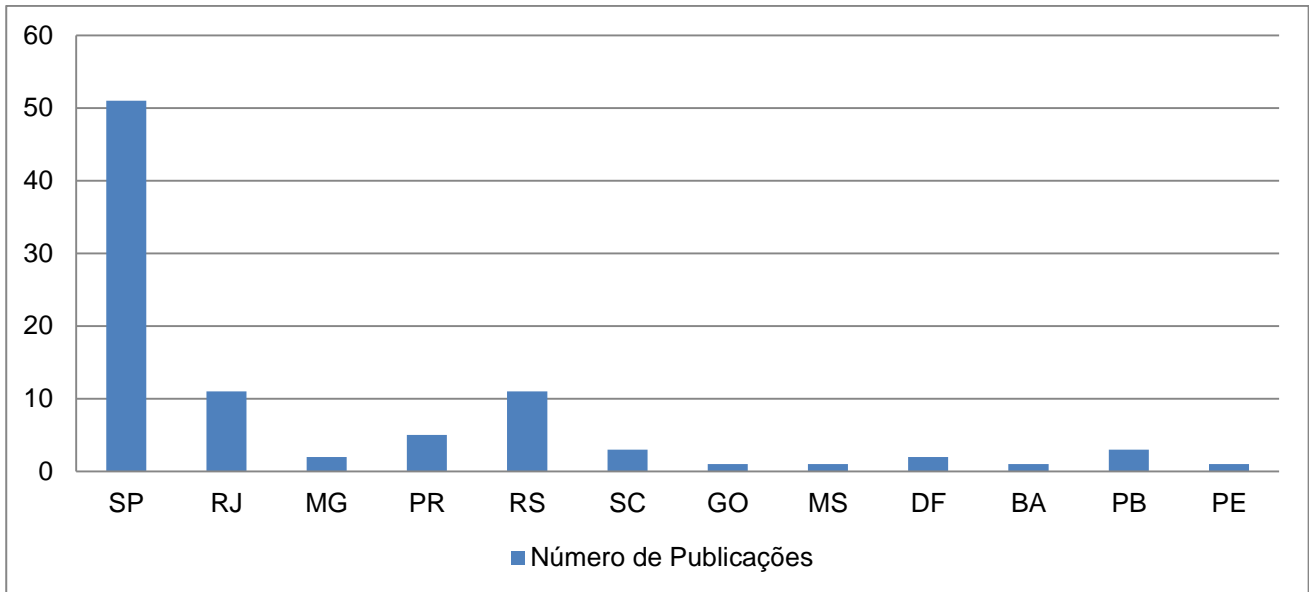


Figura 2 – Distribuição das publicações brasileiras sobre internet por estado (N=92)

A figura 2 mostra que o Estado de São Paulo domina as produções no território nacional e, em segundo lugar, o Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul vêm empatados. A região Sudeste do país concentra 69% das produções nacionais a respeito da dependência de *internet*, porém o Rio Grande do Sul também merece um destaque. A concentração das pesquisas nessas regiões pode ser explicada, porque são as áreas mais desenvolvidas do país, e também onde estão localizados os quatro centros de referências para tratamento de viciados em *internet*.

Segundo o CETIC (2014), a concentração de computadores portáteis é de 37,9% a 42% na região Sul do país e de 33,7 a 37,8% na região Sudeste. Em relação a computadores de mesa, a região Sudeste 32 a 36%, enquanto na região Sul, é de 24-28%.

Em relação à proporção de domicílios com acesso a *internet*, a região Sudeste domina com 55% a 60%; a região Sul vem em segundo lugar com 50% a 55% de acesso à rede nos domicílios; enquanto que o Nordeste e o Norte, ficam entre 35% a 40% de domicílios com acesso à rede.

Segundo as amostras estatísticas da CETIC (2014), 58,4% a 64% da região Norte não têm acesso à *internet*, por falta de computadores nos domicílios, e também 63,8 a 68% não possuem acesso à *internet* na região Norte, por conta do custo da conexão. Na região Sul e Nordeste, cerca de 48,9% a 53,6%, também, não usufruem da rede por conta do alto custo.

Segundo a FAPESP (2010), o Sudeste é a região de maior produção científica indexada nas bases SCIE e SSCI¹³, com 74,5% total, no período 2002-2006, seguida das regiões Sul (19%), Nordeste (12,2%), Centro-Oeste (5,4%) e Norte (2,7%).

No último Censo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ, 2014), participaram 492 instituições, registrando 35.424 grupos e 180.262 pesquisadores, sendo 116.427 doutores. Foi constatado que a distribuição dos grupos de pesquisa por região foi de 43,9% da Sudeste, 22% da Sul, 20,4% do Nordeste, 7,5% no Centro Oeste e 5,8% na região Norte, enquanto os dados do primeiro censo, realizado em 1993, apontavam que 68,5% dos grupos de pesquisa estavam concentrados no Sudeste, 15,7% na região Sul, 9,9% na região Nordeste, 4,2% na centro-oeste e 1,7 na região Norte.

Pode-se observar que vem ocorrendo uma descentralização das produções acadêmicas do Sudeste. Nos últimos anos, os outros estados passaram a ter maior participação nas produções nacionais.

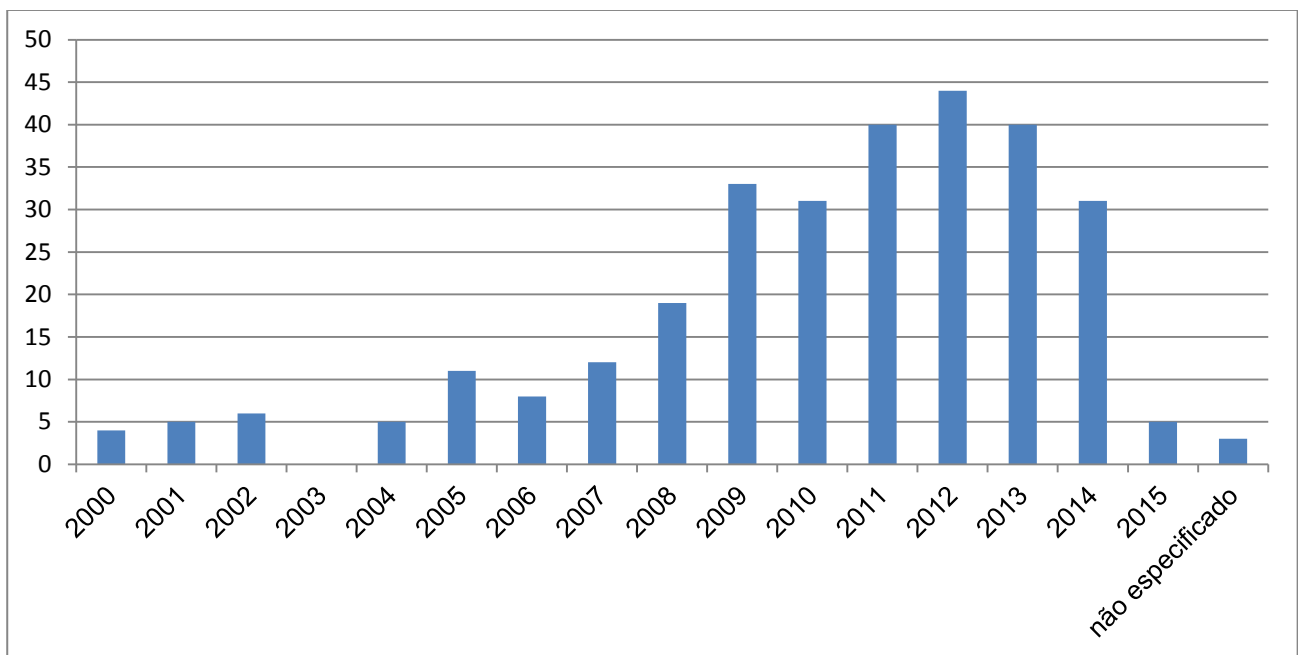


Figura 3 - Relação de publicações sobre vício em internet de todos os países por ano (N=297)

A figura 3 revela que as produções a respeito desse tema têm crescido com o passar dos anos. Isso mostra a relevância que esse assunto vem tomando nos últimos anos, a preocupação com essa nova “epidemia” faz com que mais pessoas voltem sua atenção para esta área.

¹³ Disponível em: <http://www.fapesp.br/indicadores/2010/volume1/cap4.pdf6>

No primeiro censo (2005), o CETIC constatou que apenas 13% da população brasileira tinha acesso à *internet* em domicílios. Após cinco anos, esse número passou para 27%, ou seja, mais que dobrou o número de pessoas com acesso à rede em seus próprios lares e os dados mais recentes são de 2014, onde 50% da população possui acesso à rede em seus próprios domicílios.

Pode-se dizer que faz pouco tempo que se “descobriu” os efeitos nocivos que a *internet* pode causar na vida dos seres humanos e a quantidade de pesquisa vem aumentando com o intuito de mensurar esse prejuízo. Vários autores discorrem exaustivamente sobre o tema, mas esses possuem visões diferentes a respeito do vício em *internet*. A dificuldade de diagnosticar e a falta de informação, ainda, estão muito presentes. Pode-se observar isso quando Young (1996) define o uso problemático da rede e, nos dias atuais (2016), ainda não existe nenhum critério de classificação nos grandes manuais como CID-10 e DSM-V.

A mídia brasileira tende a relacionar a experiência na *internet* como uma atividade negativa. A mídia dá ênfase às consequências negativas que o mau uso dessa tecnologia pode causar e dos perigos que ela oferece, mas nem todo contato com a rede precisa ser negativo. Como relata Nicolaci-da-Costa (2002), os participantes de sua pesquisa relatam que dão um caráter positivo ao uso de internet, quando ela é voltada para pesquisa ou trabalho, mas quando são usados para *chats*, eles consideram como um desperdício de tempo. A autora relata o que seria para ela um “problema induzido”, já que os participantes não relatam nenhum prejuízo causado pela *internet* em suas vidas e garantem que têm prazer *online*, mas quando estão no *chat*, dizem que a *internet* para esse fim é ruim.

4.2 Resultados das 19 pesquisas utilizadas para o estudo

4.2.1 Dados básicos

A tabela 1 apresenta dos dados que foram levantados nas 19 pesquisas utilizadas neste trabalho¹⁴.

¹⁴ Para mais informações sobre as 19 pesquisas vá a p. 66 em anexos.

Países	total de estudos	N de participantes	Idade média	Masculino	Feminino
EUA	3	3987	20,15 anos	200	227
América Latina	5	1090	18,3 anos	459	601
Brasil	11	2373	21,15 anos	977	941

Tabela 1 - Tabela de dados fundamentais (N=19)

4.2.2 Relação gênero e adição à internet

A tabela 4¹⁵ descreve com mais detalhes (Título, autor, participantes local de publicação, ano de publicação, número de participantes, a quantidade de cada sexo e a idade) nas 19 pesquisas utilizadas. Apenas seis pesquisas relataram a relação dependência de *internet* com o sexo (EUA 1. AL 4, BR1, BR3 , BR10, BR7.) O mestrado de Terra (2015) apresenta os resultados do IAT onde as mulheres correspondem 64,6% do grupo de alunos caracterizados como dependentes graves, enquanto que a porcentagem total de mulheres na pesquisa é de 44,6%. Por conta do dado de Terra (2015), o autor chega a conclusão de que existem diferenças significativas entre gêneros quando analisada a relação com os níveis de dependência de *internet*.

A pesquisa de Silva e Zanela (2014) também encontra relação entre o sexo e a dependência de *internet* em sua amostra. Os autores relatam que 59,6% dos participantes que tiveram a pontuação para vício leve são do sexo feminino e a dominância feminina, também, acontece na pontuação dos moderados. As mulheres representam 73,1% dessa amostra, mas o escore de dependentes graves mostra que não ocorre discrepância entre o sexo masculino e o feminino. Existe um equilíbrio, contrapondo os resultados levantados por Terra (2015).

Fortim (2013) constata que 72% dos *e-mails* recebidos no NPPI foram do sexo masculino, assim demonstrando que existe uma diferença entre os gêneros. No caso dos homens, são mais sujeitos ao vício. Segundo Hetzel Riggin & Pritchard (2010, apud Pirocca, 2012): “Enquanto homens e mulheres gastam a mesma quantidade de tempo

¹⁵ A tabela está localizada em anexos na p. 66 em anexos.

online, os homens compõem cerca de três quartos da população dependentes de *internet*” (p. 24). As outras três pesquisas não obtiveram nenhum dado que comprovasse que existe diferença entre os gêneros em relação ao vício de *internet*.

“Bakken ¹⁶ et al. (2009, apud PEREIRA; PICCOLOTO,2010), também aponta que a relação entre dependência de internet e sexo, tem variado muito conforme a amostra pesquisada, e que o sexo não define nível de dependência e sim possa estar correlacionado a fatores culturais ou a outras variáveis de influencias não previstas” (apud Silva e Zanela, 2014 p. 10).

4.2.3 Instrumento utilizado para avaliar vício em internet

O IAT é um dos principais instrumentos para a caracterização de dependência em internet, onde a maioria das pesquisas mundiais o usa como base, e pode-se observar que 47% dos estudos que foram selecionados para o presente trabalho utilizam o IAT para diagnosticar ou classificar.

Conti *et al* (2012) traduziram e fizeram a avaliação de equivalência semântica do Internet Addiction Test (IAT). Esse teste consiste em um instrumento de 20 itens de autopreenchimento com as respostas em escala Likert ¹⁷ de pontos, sendo estes raramente (1) a sempre (5). Quanto maior a pontuação, maior o grau de dependência de internet. O teste tem como propósito, além de diagnosticar o grau de dependência, apontar quais áreas da vida do sujeito tem prejuízos por conta do uso excessivo da rede. O teste tem seis domínios, que são: saliência, uso excessivo, abandono do trabalho, antecipação, falta de controle e abandono da vida social. A pesquisa de Batista (2011) e Cortés e Carbonell (2013) classificam seus participantes que responderam o IAT nas 4 categorias:

- 1) 0-19 pontos – nenhuma dependência.
- 2) 20-49 pontos – Usuário leve – navegam por um período extenso de tempo, mas ainda tem “tudo sobre o seu controle”.
- 3) 50-79 pontos – Usuário moderado – enfrentam problemas ocasionais ou frequentes por causa da internet.

¹⁶ A pesquisa de PEREIRA e PICCOLOTO (2010) e Bakken et al (2009) não foram encontradas, por conta disso foi necessário fazer um apud de apud. A pesquisa que foi retirado o trecho pertence a Silva e Zanela (2014)

¹⁷ Escala Likert é uma escala que possui afirmações que vão desde afirmações negativas até a positiva. O sujeito deve escolher a afirmação que mais lhe condiz.

- 4) 80-100 pontos – Usuário grave – o uso de internet está causando prejuízos em algumas áreas da sua vida. (Batista, 2011, p.29) e (Cortés e Carbonell, 2013, p. 623)

Dal Cin e Melo (2013) e Barreto (2014) também aplicaram o IAT em sua amostra, porém utilizam critérios diferentes para classificar os escores encontrados. Segue os escores para cada categoria:

- 1) 0-30 pontos – usuários normal
- 2) 31-49 pontos – dependência leve
- 3) 50-79 pontos – dependência moderados
- 4) 80-100 pontos – usuário grave (Barreto, 2014, p.1) e (Dal Cin e Melo, 2013, p.9)

Terres-Trindade (2014) também aplicou o IAT e utilizou os seguintes escores para a classificação dos participantes:

- 1) 20-39 pontos - dependente leve
- 2) 40-69 pontos - dependente moderado
- 3) 70-100 pontos - dependente grave (Terres-Trindade 2014, p. 26)

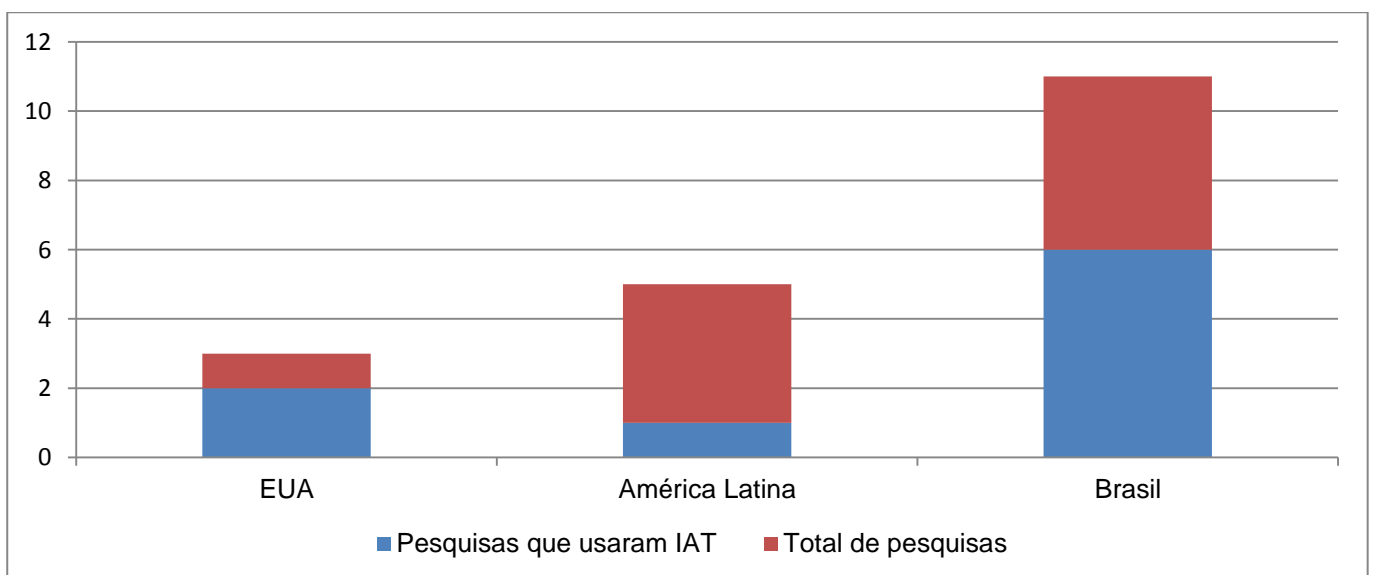


Figura 4 - Total de pesquisas x pesquisas que utilizaram IAT (N=19)

A figura 4 representa o total de pesquisas que foram selecionadas (19 pesquisas) versus o total de pesquisas que usaram o IAT para classificar os participantes como dependentes de *internet* ou não.

No total, nove das 19 pesquisas utilizaram o IAT (Christakis et al, 2011; Kim e Haridakis, 2009; Cortés e Carbonell, 2013; Batista, 2011; Terra, 2015; Dal Cin e Melo, 2013; Silva e Zanela, 2014; Barreto, 2014 e Terres-Trindade, 2014). As outras pesquisas utilizaram métodos diferentes, como por exemplo, Fortim(2013) e Del Poço (2014) leram e-mails do NPPI para levantar seus dados, enquanto que Nicolai-Da-Costa (2002) realizou entrevista com sua amostra. Outros dois estudos utilizaram um questionário criado pelos próprios pesquisadores (Cruzado Diaz et al, 2006 e Sebastião e Lampkowski, 2009). Os autores Lam-Figueroa et al (2011) e Marlene (2013) utilizaram o *Escala de Adicción a Internet de Lima* (EAIL) para classificar sua população.

Duas pesquisas utilizaram um teste chamado “Escala de Adicción a Internet de Lima” (EAIL). O EAIL é um instrumento utilizado para avaliar a adição de *internet* nas pessoas. Lam-Figueroa et al (2011), em seu estudo de validação, relatam que o teste é composto de onze perguntas, onde se responde por escala Likert, e os participantes deveriam assinalar “ muito raramente (1), raramente(2), às vezes(3) e sempre”(4).

Lam-Figueroa et al (2011,), levantam uma importante questão a respeito dos testes utilizados para diagnosticar a dependência de *internet*: “é valido aplicar os questionários americanos em um país emergente?” (p. 468) os autores defendem que é necessário olhar todo o contexto em caso de dependência e não só o indivíduo. Segundo os autores, “o que uma família americana tem em comum com uma família asiática?”. Assim, eles entendem que não se pode ter um instrumento geral para todas as pessoas, pois as famílias e culturas variam de local para local.

Marlene (2013) aplicou o EAIL em uma amostra de estudantes em Quito, Equador. Os resultados apontam para um total de 61,5% de pessoas identificadas com sintomas de dependência de *internet*. Segundo a autora, este é o maior número encontrado de pessoas que demonstram sintomas de dependência de *internet* na América Latina e no mundo, mas a questão principal é, e se fosse aplicado o IAT ou outro teste, o resultado seria o mesmo?

Pirocca (2013), em sua revisão bibliográfica na literatura, chega a seguinte conclusão: “faltam critérios para definir a dependência de internet, não viabilizando cursos formais de especialização para os profissionais da saúde, retardando, assim, o tratamento” (p. 32).

Abreu *et al* (2008) relatam que quando se olha para muitos países ocorrem “diversas prevalências” devido à falta de consenso de uma nomenclatura e por conta disso existem distintos critérios diagnósticos. O autor aponta para outro problema, este se refere a pesquisas que estão colocando seus questionários *onlines*, assim o público que responde pode ser mais dependentes do que não dependentes. Fortim (2013) mostra preocupação a respeito da padronização, segundo a autora essa deve ocorrer, porém “sem motivos políticos, sociais e de controle”.

4.2.4 Casos de dependência encontrados

A figura 5 representa o total de 15 estudos que investigaram se existia um caso de dependência em sua amostra.

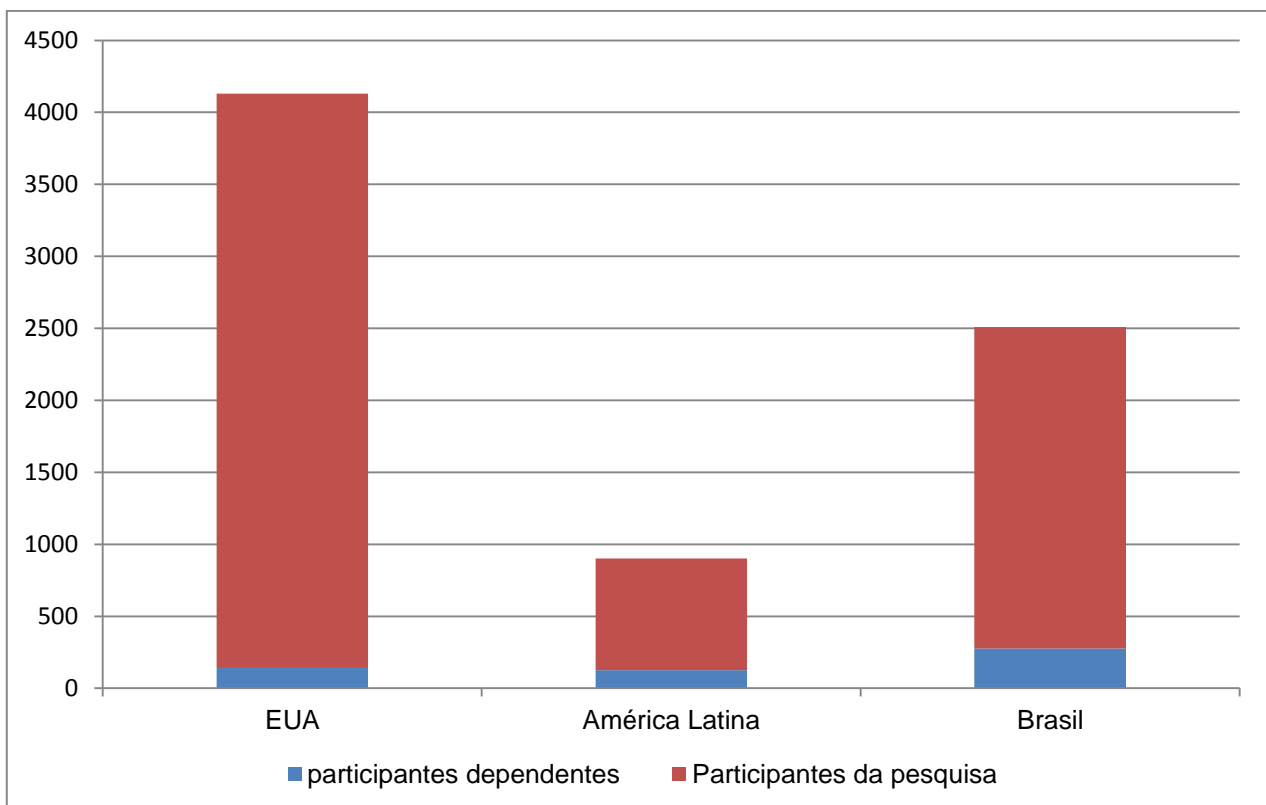


Figura 5 - Pessoas dependentes x participantes da pesquisa (N=15 pesquisas)

A cor vermelha representa a quantidade total de participantes das 15 pesquisas que avaliaram vício em internet e a cor azul representa quantidade desses participantes que foram considerados dependentes de internet.

Nas pesquisas americanas, 3,5% dos participantes foram considerados dependentes graves de internet, nas latinas, 16% foram considerados dependentes. Esse número é elevado por conta da pesquisa da Marlene (2013) que aplicou o EAIL, na cidade de Quito, e encontrou 61,5% de casos de adição.

No Brasil, foi constatado que 12% dos participantes são dependentes de *internet*, esse número é elevado por conta das pesquisas de Fortim (2013), e Del Poço (2014), onde todos os participantes, por terem procurado o NPPI em busca de ajuda, foram considerados dependentes de *internet*. Quando foram retirados os dados de Fortim (2013) e Del Poço (2014), obteve-se uma média de 3,2% de casos de dependência, dados muito parecidos com os encontrados nos Estados Unidos.

Somando os casos brasileiros, que foram classificados como moderados pelo questionário IAT, esse número sobe para 25%, o que é extremamente preocupante, mesmo que eles não sejam casos graves. Na pesquisa de Oliveira e Pasqualini (2014)¹⁸, 36 sujeitos tiveram uma pontuação média de 63 pontos, assim sendo considerados dependentes moderados; mas quando se olha a nota por categorias, observa-se que, das seis categorias, apenas uma obteve nota baixa, sendo esta a de abandonar trabalho; as outras, por uso excessivo; saliência; falta de controle; antecipação e abandono da vida social, que obtiveram quase nota máxima. Os autores constataram que os participantes que tiveram pontuação moderada atribuíram um vazio à vida sem *internet*. Os homens relataram mais as alterações do humor e a preferência pela rede, ao sair com pessoas. No entanto, as mulheres utilizam a rede para se acalmar. Assim, mesmo que o participante tenha obtido escore apenas para ser considerado “dependente moderado”, já nota-se que esse indivíduo apresenta perdas sociais e de saúde por conta da *internet*.

4.2.5 Horas semanais conectado

Ocorreu uma dificuldade na comparação dos dados, já que houve duas formas distintas de classificar as horas *online*. Algumas pesquisas relataram a amplitude dessas horas, enquanto que outras, relataram só o tempo médio.

¹⁸ Essa pesquisa não faz parte das 19 pesquisas utilizadas para a obtenção de dados.

Pesquisa¹⁹	Número de horas semanais conectados
EUA 1	7-15 horas
EUA3	21 ou mais horas
América Latina 1	28 ou mais horas
América Latina 2	Média de 42 horas
América Latina 3	Média de 5 horas
América Latina 4	5-10 horas
América Latina 5	18-57 horas
Brasil 1	42-84 horas
Brasil 2	Média de 23 horas
Brasil 4	14-42 horas
Brasil 6	14-70 horas
Brasil 7	Média de 35 horas
Brasil 10	21-35 horas

Tabela 2 - Quantidade de horas conectadas durante o tempo de lazer (N= 13).

Algumas pesquisas fizeram essa quantificação, a partir de horas diárias; enquanto outras, por horas semanais. Por conta de existirem mais pesquisas com a quantificação em horas semanais, as pesquisas que relataram as horas diárias foram multiplicadas por sete para obter um padrão.

Outra grande dificuldade encontrada foi que os dados são muito diferentes, desde cinco a dez horas semanais a até 42 a 84 horas semanais. Outro fato que impossibilitou a criação de um gráfico foi que pesquisas deram a média de horas semanais dos participantes; enquanto outras pesquisas, relatavam intervalos de tempo, do menor número que obtiveram até o maior.

O número de horas na internet não é o principal fator para caracterizar uma pessoa como dependente, ou não; e sim, os prejuízos e as consequências negativas. Fortim (2013) levanta um importante ponto: “para que uma pessoa passe cerca de seis a 12 horas por dia conectado ele deve abrir mão de outras tarefas”.

¹⁹ Para maiores informações a respeito das pesquisas, consultar a p. 66 em anexos.

4.2.6 Aplicativos mais utilizados:

A figura 6 ilustra apenas a quantidade de vezes que as categorias foram citadas e não a quantidade de acesso.

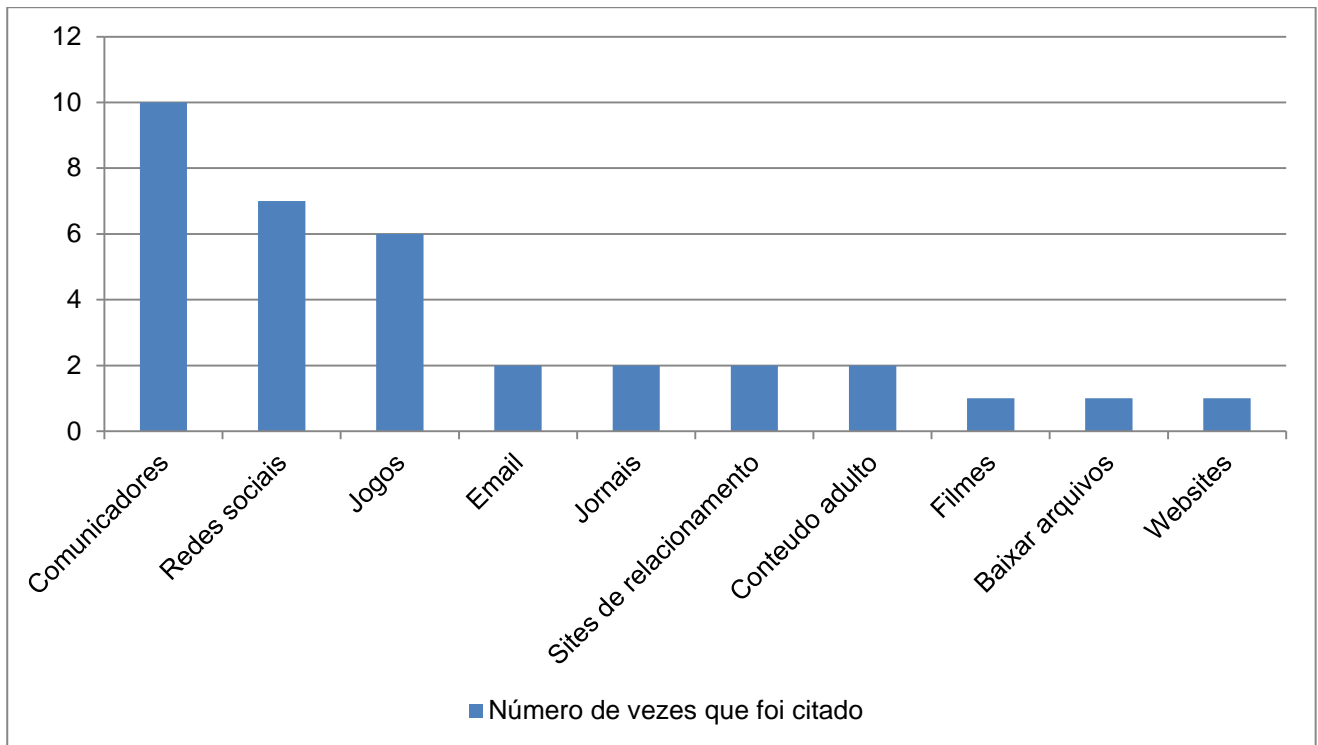


Figura 6 - Aplicativos mais utilizados (N=34)

A categoria “Comunicadores”²⁰ é composta pelos aplicativos *Windows Live Mensager (MSN)*, *Whatapp*, *KIK*, *Wechat*, *Facebook*, *Snapchat*, *Twitter*, *Bate-Papo*, *Chat* e *Skype*. Dentro dessa categoria, foram incluídas as redes sociais, pois hoje essas possuem comunicadores dentro de seus aplicativos e, por conta disso, aplicativos como MSN perderam seu sentido, o próprio foi tirado de circulação em 2013. A segunda categoria mais citada foi a das redes sociais, que é composta por aplicativos como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Snapchat* e *Fotolog*.

Em relação aos jogos, nenhum em específico foi relatado. Assim, a categoria é genérica, todos os tipos de jogos que podem acontecer *on-line*, desde RPG, até jogos de carta. O mesmo acontece com sites de relacionamento e conteúdo adulto, onde nenhum dos usuários relatou um *site* ou tema específico. A categoria baixar arquivos engloba qualquer tipo de arquivo, filmes, músicas, pornografia, fotos, entre outras coisas. Segundo

²⁰ A definição de cada aplicativo se encontra nos anexos, na p. 63.

Fortim (2013) nessa categoria de vício é onde o sujeito baixa e coleciona material, mas sem uma finalidade útil.

Os aplicativos mais utilizados foram os comunicadores, aparecendo dez vezes (Cortés e Carbonell, 2013; Cruzado Diaz et al, 2006; Fortim, 2013; Batista, 2011; Nicolai-Da-Costa, 2002; Montanari, 2008; Dal Cin e Melo, 2013; Silva e Zanela, 2014; Barreto, 2014 e Del Poço, 2014). Em segundo lugar vem as “redes sociais” que foram citadas sete vezes (Christakis et al, 2011; Cortés e Carbonell, 2013; Marlene, 2013; Fortim, 2013; Silva e Zanela, 2014; Barreto, 2014 e Del Poço, 2014). Jogos ocupou a terceira posição com seis menções (Cortés e Carbonell, 2013; Cruzado Diaz et al, 2006; Fortim, 2013; Batista, 2011; Dal Cin e Melo, 2013 e Del Poço, 2014).

Pode-se observar que as pessoas utilizam muito mais o serviço de comunicação do que qualquer outro. Hoje em dia, as redes sociais possuem *chats* (aplicativos que permitem a comunicação entre as pessoas) dentro de seu aplicativo. Assim, programas com a única finalidade de comunicação estão desaparecendo, mas ao mesmo tempo, o *Whatsapp* continua no auge.

A internet possibilitou grande avanço nos meios de comunicação. Existem aplicativos de comunicação que enviam e recebem informações em tempo real, ou seja, a mensagem é enviada quase que instantaneamente e, se a outra pessoa estiver *online*, ela pode responder com a mesma rapidez. É possível se comunicar através de continentes sem atrasos, tendo em vista que uma mensagem que demoraria dias para chegar pelo correio, chega em apenas alguns segundos via *internet*. Além da entrega de conteúdo escrito, a *internet* permite fazer teleconferências em tempo real.

Na pesquisa de Rocha Barreto (2014), quase todos os participantes relataram utilizar a rede com finalidade de se comunicar, seja pelas redes sociais no computador, ou nos chats como *Whatsapp*, *Snapchat*. As redes sociais se fazem bastantes presentes como o *Facebook* e *Instagram*. Os participantes afirmam que as relações que constroem na *internet* são reais, pois estas servem como “manifestação de apoio”. Complementam que possuem amigades que nunca viram e, com eles, compartilham metas e experiências de amigades, que podem perdurar por muito tempo. “Declaram-se amigos pela sintonia, pelo ombro ao lado, pela presença constante além da ausência física” (p. 11).

Rocha Barreto (2014) constatou sentimentos conflitantes entre os adolescentes, pois alguns colocam que podem confiar nos amigos que fazem *online*; outros, acham que não. Porém, fica claro que os participantes preferem uma relação “cara a cara” do que intermediada pela rede.

Muramatsu (2010), em seu mestrado, realizou entrevista para saber a relação das pessoas e sua experiência na rede, mais especificamente, em relação à comunicação utilizando a *internet* para esse fim. O autor constatou que a maioria dos relatos mostra sentimentos positivos pelos usuários. Um dos relatos que mais se repetiu, é de que existem vantagens na rede; uma delas, é poder compartilhar alguma coisa com alguém que se encontra muito longe.

Os relatos coletados por Muramatsu (2010, p. 74) apontam que “existe um vínculo mediado com uma intensidade afetiva”. O autor levanta a questão: pode-se considerar esse vínculo como um vínculo integral ou completo? Um dos relatos colhidos por ele mostra que “falta algo a mais” nessa relação, segundo o participante: “(...) por mais que eu tenha uma habilidade literária em me expressar, sei lá, coisa e tal, um choro ou reclamação chega na outra pessoa na forma de palavra dura do computador” (p. 74). Por conta disso chega um momento que a internet não supre as necessidades de expressões de um encontro cara a cara.

O autor constata, a partir dos relatos dos participantes, que indivíduos têm encontrado por meio das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação), diversas formas de se articular e provocar ações significativas no mundo, como por exemplo, a maioria dos protestos ou “ações sociais” são organizadas, via *Facebook* por meio de criação de eventos. Esse é um meio de comunicação e divulgação fácil e rápida.

Ferreira (2009), em seu mestrado, observou que todos os participantes relataram estar buscando um relacionamento *online* e, quando foi perguntando a opinião sobre a rede, em sua maioria, responderam algo como “a *internet* é um invento revolucionário, capaz de melhorar a comunicação das pessoas e também é um ótimo meio de lazer” (p. 106).

Os entrevistados relatam que, quando se experimenta a *internet*, não se consegue mais viver sem ela. Para eles, a coisa que mais agrada, na rede, é poder se conectar e “se fazer presente” em vários lugares. Ferreira (2009) afirma que “Estimulados pelos

ideais de interatividade e de velocidade, os jovens alimentam o falso sentimento de liberdade e de autonomia durante o acesso a rede” (p. 110). A autora afirma que estes ao consumirem internet permanecem no sistema vigente.

Diante disso, o presente trabalho conclui que o imaginário social na atualidade vigora como imaginário local, o qual influencia a sociedade e, sobretudo, os jovens com ideias identitárias à época regida pela comunicação tecnológica, como a sociabilidade, a teleexistência, o narcisismo e os comportamentos iconofágicos (consumo de imagens artificiais) (BAITELLO, 1995), que apenas servem , para fortalecer e perpetuar o sistema capitalista (Ferreira, 2009, p. 112).

Deziderio (2007), em seu mestrado em psicologia social, afirma que nos *chats* (focado no bate- papo), o usuário encontra um jeito de conhecer pessoas novas sem precisar se expor, e assim não correr riscos. Quando a pesquisa aborda o *chat* como forma de relacionamento, um dos relatos é de que se pode flertar com várias pessoas, sem sair de sua residência. Nesse quesito, 66% dos participantes concordam que visitam *chats* para estabelecer vínculos amorosos sem sair de casa.

A possibilidade de transitar por milhares de salas e conhecer diversas pessoas em pouco tempo, costuma ser considerada como quebra de barreira espacial e comportamental: a facilidade com que o sujeito entra e sai das salas e a chance de se expressar com mais liberdade, podem ser citadas como exemplos dessas quebras de barreiras. (Deziderio, 2007, p. 80)

A autora afirma que existe solidão, nos dias de hoje, mesmo com as tecnologias que deveriam as pessoas se aproximarem. A resposta é de que 68% de sua amostra usam o chat quando se sentem solitários. Assim, os sujeitos tentam contornar esse sentimento de solidão, através de aplicativos que possibilitem conversar com outras pessoas.

Ainda sobre Deziderio (2007), ela afirma que: “os meios de comunicação isolam”. 57% dos seus participantes responderam preferirem estar sozinhos, mas se preferem isso, por que buscam o bate-papo? A autora levanta três hipóteses: à primeira é de que as pessoas buscam os *chats*, mas são fomentadas pela frieza e negação do outro. Já a segunda, coloca o *chat* como uma forma de “desobrigar a fazer contato real”, assim ele estabelece uma relação virtual e se aprofunda no isolamento; a ultima, diz respeito ao sujeito que, influenciado pela visão negativa da sociedade a respeito do isolamento, vai aos *chats* procurar reverter tal situação, mas isso é uma ação controversa. A autora

afirma que os *chats* estão substituindo o prazer por um “pré-prazer”; os indivíduos estão obtendo prazer com a espera do prazer final, mas esse raramente acontece. Por fim, a pesquisa conclui que, quanto maior a solidão, maior a procura por chat.

O "anonimato", a "assincronicidade" na comunicação e a "minimização da autoridade"-decorrente da ausência dos indícios de *status*, favorecendo um sentimento de igualdade entre os internautas - estão entre os fatores que contribuem para a desinibição *online*. (Suler, 2004 apud Donnamaria e Terzis, 2012 pag. 172)

Os autores tratam a internet como uma comunicação diferenciada e não como algo prejudicial às relações humanas. Conforme afirma Turkle (1997, p. 393-394 apud Donnamaria e Terzis, 2012, p. 174): "a virtualidade não tem que ser uma prisão. Pode ser uma jangada, a escada, o espaço transicional" (p. 174).

Fiel (2001) defende que se têm relações saudáveis com os objetos, de forma que a comida é para comer, o jogo para se divertir, entre outros; porém essas são relações comuns que não envolvem sentimentos. Segundo Fiel (2001, p. 14), “o dependente busca de maneira compulsiva satisfazer suas necessidades emocionais e de intimidade através de uma relação, portanto é classificada como patológica” (p. 14). O autor, ainda, defende que a relação base para o vício em internet é a troca de espaço e tempo; haja vista que o viciado tem a ilusão de que melhora seu rendimento pessoal, social e intelectual e possui uma ilusão de controle. Essa vivência adquire um sentido de excitação, aliviando tensões, depressão e ansiedade (p. 27).

Rosell et al (2007) alertam que é necessário ter cuidado com o uso das TICS , pois quando essas começam a desencadear sintomas como, diminuição do sono e alteração do humor, pode significar uma adição.

Echeburúa e Corral (2010), em seu artigo sobre adição às novas tecnologias e redes sociais em jovens, citam Ramon-Cortés (2010)²¹, que defende seis práticas para prevenir o vício de internet entre os adolescentes, que são: como limitar o uso de aparelhos que tenham acesso à rede; fomentar relação com outras pessoas; incentivar leitura e outras atividades; estimular atividades e esportes em equipe; ter atividades grupais e estimular o diálogo com a própria família; além disso, o uso diário deve ser de 1,5 a duas horas. Ramón defende que é necessário estimular a comunicação cara a cara.

²¹ As seguintes práticas propostas por Ramon-Cortés (2010) foram retiradas do texto de Echeburúa e Corral (2010)

Echeburúa e Corral (2010) defendem que o uso das TICs, constantemente, pode impactar em uma perda de habilidade no diálogo com pessoas, um “analfabetismo relacional”.

Segundo a UOL Tecnologia (2014) o *Facebook* possui cerca de 1,23 bilhão de contas registradas. Esse número exorbitante causou preocupação nos autores Andreassen et al (2012), que desenvolveram uma escala para avaliar a adição no *Facebook*. Essa escala se chama *Bergen Facebook Addiction Scale* (BFAS). O teste é composto de 18 perguntas, são três perguntas para cada tema a seguir: saliência, mudança de humor, tolerância, retraimento, conflito e recaída. O teste utiliza uma escala Likert de cinco pontos, 1 raramente e 5 sempre.

Erdoğan (2008) realizou sua pesquisa na Turquia, a fim de observar os relacionamentos pela *internet*, a atitude dos adolescentes e a relação com a solidão. O autor constatou relação entre o uso de *internet* e solidão em sua amostra. Os adolescentes, que foram caracterizados como “sozinhos”, utilizam mais a rede do que os outros. O autor relata que as relações *online* tem menor qualidade do que as “cara a cara” e a que a *internet* isola os indivíduos.

A pesquisa de Carbonell et al (2012) relatou que o aplicativo mais utilizado, avaliado pelos jovens; é o *Messenger*, em segundo, o *e-mail*; o terceiro é busca por informação. Mas quando observa-se apenas os dependentes de *internet*, o primeiro aplicativo é o *Messenger*; o segundo são as redes sociais. Esses dados apontam para uma hipótese: o que mais vicia os participantes é quando a comunicação está envolvida. Para os autores, o que faz os chats tão atrativos é a possibilidade de não precisar se expor, possivelmente criar um *fake* (criar um perfil falso para se comunicar com os outros), e assim se passar por outra pessoa.

Cortés, Carbonell et al (2013), também notam diferenças entre o conteúdo acessado pelos dependentes e não dependentes. O primeiro grupo utiliza mais dos aplicativos, como chat, conteúdo adulto, filmes e redes sociais; enquanto o segundo grupo tem maior foco em baixar músicas e filmes, consultar dados e correio eletrônico.

A maioria dos participantes de Caplan (2005) relatou um sentimento negativo ao usar a internet para uso pessoal, porém os participantes preferem se comunicar pela internet do que presencialmente. Alguns participantes explicam essa preferência de usar

a rede como meio de interação, por acharem que não possuem muitas habilidades sociais.

Kuss e Griffiths (2011) em sua revisão bibliográfica a respeito de “social networking sites”²² (SNS ou redes sociais), relatam que essas mídias tiveram um crescimento muito acelerado nesses últimos anos. Foi constatado que a utilização das redes sociais para obter novas amizades é mais comum em homens do que mulheres, estas preferem apenas manter contato com conhecidos. O uso de SNS tem sido identificado como um comportamento propenso ao vício. Os autores chegaram à hipótese de que as pessoas que têm uma preferência pela comunicação, via SNS, têm mais chance de se tornarem viciados do que os que preferem se comunicar cara a cara.

Berríos e Buxarrais (2005) relatam uma diferença de aplicativos utilizados por sexo. As mulheres preferem a comunicação e os homens preferem utilizar jogos. Segundo as autoras, as TICs possuem vários benefícios, como melhorar os relacionamentos sociais, aprendizagem cooperativa, desenvolver novas habilidades, novas formas de obter conhecimento, e desenvolvimento da criatividade, assim como reconhecem que o uso indevido dessa tecnologia pode causar depressão, isolamento e violência.

Berríos e Buxarrais (2005) sinalizam em seus relatos, que as TICs ampliam as relações, mas essas têm uma “magnitude” menor do que as relações “cara a cara”. Elas enfatizam, também, a questão de poder manter o anonimato e suas consequências. Segundo elas, o anonimato afeta, diretamente, a construção de identidade, pois o usuário possui uma identidade real e uma virtual totalmente diferente e, nos casos mais extremos de dependência dos meios de comunicação, os indivíduos colocam de lado a sua personalidade real e assumem a virtual como sendo a sua real identidade.

Parece haver um consenso entre os autores que defendem que as TICs podem ser benéficas em vários sentidos, porém o mau uso dessa tecnologia pode acarretar em várias consequências como, prejuízo no trabalho ou na educação, trocar a vida real pela virtual, deixar de fazer tarefas para permanecer conectado na rede, entre outras.

A maioria dos estudos coloca que as comunicações via internet são importantes, mas que essas não substituem a relação presencial. Na pesquisa de Muramatsu (2010), um de seus participantes relata que a *internet* não consegue substituir a relação humana

²² SNS: *Social Networking Service* ou redes sociais.

cara a cara, porque ela não expressa as emoções, mesmo que ele esteja escrevendo que está chorando, o que o outro vê são apenas palavras; e não, a transmissão do sentimento como ocorre em uma conversa presencial.

Fortim (2013), defende que a imagem do viciado em internet sentado isolado em frente a um computador mudou. Segundo a autora:

(...) atualmente as vidas *on* e *off-line* são mais mescladas do que nos conta a amostra. Hoje com a utilização massiva da internet, não existem as classificações rígidas e separadas entre “amigos apenas virtuais” e “amigos presenciais”. Os smartphones permitem acesso ao Facebook, a todo instante, misturando a vida virtual com os acontecimentos *off-line* (Fortim, 2013, p. 145)

4.2.7 Razão para usar a internet

A figura 7 mostra qual a principal motivação dos usuários para utilizar a *internet*. No total foram 12 pesquisas que relataram as motivações encontradas em suas amostras, vale a pena ressaltar que algumas pesquisas apontaram mais de uma motivação.

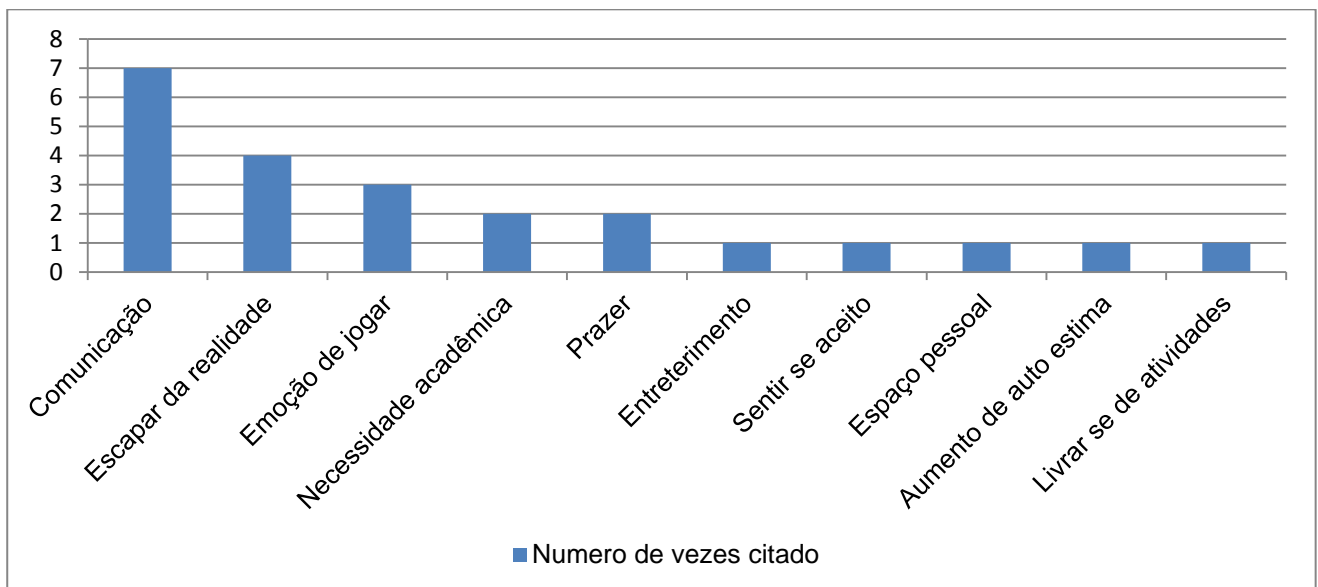


Figura 7 - Principais motivações para se conectar a rede (N=23)

A maior motivação relatada foi a de comunicação. Esses dados corroboram com os encontrados na figura seis, onde os aplicativos mais utilizados foram os que envolviam comunicação. A segunda maior razão para o uso, foi de escapar da realidade, pois como pode-se verificar na discussão a respeito das TICs, o indivíduo pode ter duas identidades, uma *online* e outra *off-line*.

Fortim (2013), Terra (2015) e Silva e Zanela (2014), abordaram o tema *Fake* e relataram o real problema desse “artifício” para o desenvolvimento do adolescente. A questão do anonimato e a possibilidade de criar um “perfil fictício” (sendo alguém que você não é no mundo *offline*) parece ser uma das principais motivações que levam os adolescentes a frequentarem *chats*, redes sociais, salas de bate-papo e outros aplicativos. A sensação de poder que a *internet* passa para o usuário parece um atrativo irresistível, assim como pode-se ver, os meios de comunicação são os aplicativos mais citados pelos dependentes.

Kuss e Griffiths (2011) vão defender que os extrovertidos e os introvertidos possuem diferentes razões para o uso da rede social. Os extrovertidos as utilizam como forma de aprimorar as suas redes sociais, enquanto que os introvertidos compensam a falta de habilidades sociais na vida nas redes sociais. Os autores, ainda, apontam para o risco de uma alta extroversão conter um risco potencial de vício em *internet*, pois por conta dela, o usuário que é altamente extrovertido, sente necessidade de estar conectado e socializando com a comunidade.

Kim e Haridakis (2009) defendem que uma das principais causas de dependência de internet é quando se usa essa tecnologia para fugir da realidade. Fortim (2013) aponta um aspecto interessante sobre comunicação: a comunicação *online* permite conversar com várias pessoas ao mesmo tempo, enquanto que, presencialmente, isso seria impossível. Esse pode ser um dos motivos do porque a comunicação está no topo da lista.

4.2.8 Prejuízos relatados

A figura 8 mostra o total de vezes que foi citado algum prejuízo, apenas 14 pesquisas forneceram dados.

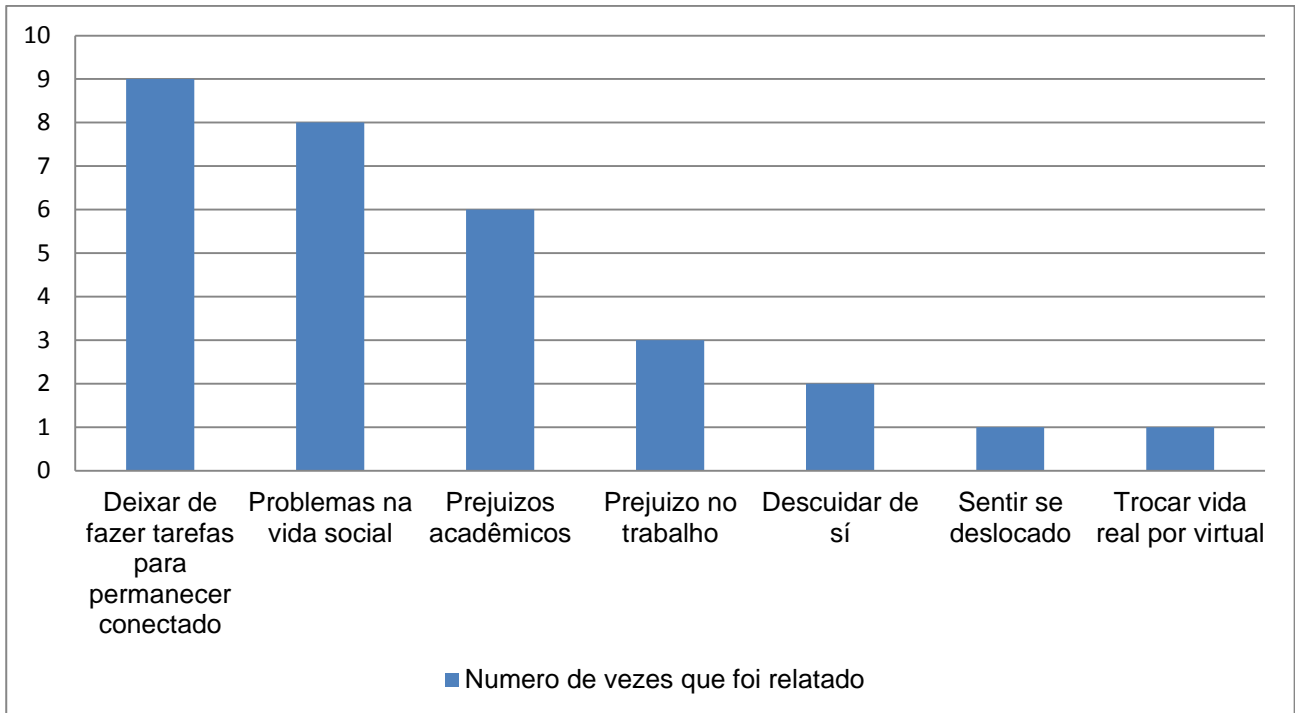


Figura 8 - Número de vezes que foi citado cada prejuízo (N=30)

A categoria “deixar de fazer tarefas para permanecer conectado” refere-se a deixar de fazer tarefas domésticas (o mais citado, possivelmente por conta da faixa etária das pesquisas) e deixar compromissos de lado para permanecer conectado na *internet*.

A categoria “problemas na vida social” engloba, problemas de relacionamento, problemas familiares, problemas conjugais e “perdas sociais” que seria um termo genérico utilizado por algumas pesquisas para se referir aos problemas sociais sem especificar nenhum. A categoria “prejuízos acadêmicos” e “prejuízos no trabalho” referem à baixa produtividade, ou até mesmo, ao abandono do trabalho como Del Poço (2014) observou.

Os três principais prejuízos relatados foram: deixar de fazer tarefas para permanecer conectado, problemas na vida social e prejuízos acadêmicos. Os dados nas figuras corroboram com os encontrados por Fortim (2013), onde os três principais prejuízos encontrados foram prejuízo no trabalho, na vida social e acadêmica. A hipótese para o número baixo de pessoas que relataram prejuízo no trabalho, é que a maioria das pesquisas foi realizada com adolescentes, então o prejuízo que eles tinham era acadêmico.

Del Poço (2014), em seu trabalho com os dados do NPPI, encontrou relatos como gasto excessivo de tempo, não concentrar em outras atividades e prejuízos no relacionamento. Segue um dos relatos de seus participantes:

Me deparei com o ápice do meu vício nesta semana, quando percebi que eu estou deixando de trabalhar para ficar no celular, WhatsApp, Facebook, entre outros aplicativos, que desviam minha atenção por um longo tempo. (Del Poço (2014, p. 32)

A categoria “problemas na vida social” engloba conflitos familiares. O mestrado de Terres-Trindade (2014) constata que os três principais conflitos entre os adolescentes com os pais são, em primeiro lugar, as tarefas domésticas; em segundo, dinheiro; e em terceiro, a *internet*. A autora relata que, como a amostra tem idade média de 20 anos, os pais não controlam mais o tempo desses filhos conectados na rede, mas que encontrou uma correlação entre o escore no IAT e a conflitos com o pai e com a mãe.

Os participantes da pesquisa de Dal Cin e Melo (2013) relataram que algumas pessoas de seu convívio questionaram seus hábitos virtuais, e afirmaram que suas mães chamavam sua atenção quando o computador não era de uso tão comum, mas que hoje já se acostumaram com essa tecnologia e elas não geram mais brigas. O autor percebe que não existe diferença entre os relatos dos dependentes e não dependentes; o que diverge é a “autenticidade do mundo real e virtual”, a sensação que sentem ao estar desconectados e as atividades que realizadas no tempo livre.

A pesquisa de Silva e Zanela (2014) mostra que os adolescentes estão deixando de lado suas responsabilidades reais²³ para ficarem no atrativo e imediato mundo da *internet* e que, mesmo quando estão na escola, priorizam a conexão (38,8%) do que os amigos (20,8%).

Os dados encontrados por Silva e Zanela (2014) corroboram os encontrados por Abreu et al (2008), onde os impactos sociais encontrados foram problemas nas relações interpessoais, depressão, diminuição das atividades e comunicação. Shapira et al (2000 apoud de Abreu) encontraram dados parecidos. As maiores queixas foram: angústia pessoal, prejuízos vocacionais (trabalho ou acadêmico), danos financeiros e problemas legais.

Lam-Figueroa et al (2011) dizem que a adolescência é um período de transição, tanto biologicamente quanto socialmente, e por conta dessa transição, os adolescentes se

²³ Silva e Zanela (2014) utilizam o termo “real” em sua pesquisa para se referirem à vivência presencial. A terminologia real foi basicamente abandonada, uma vez que a experiência na internet passou a ser considerada como uma experiência real.

encontram mais propícios às novas tendências tecnológicas e, a partir do mau uso dessas tecnologias podem surgir problemas em suas vidas particulares e acadêmicas.

Cortés e Carbonell et al (2013) observaram os mesmos sintomas já citados anteriormente, e o único caso de vício que foi encontrado, foi de uma menina que relata se sentir tensa e deprimida, quando não está conectada e tenta diminuir suas horas *online*, mas sem sucesso.

Além dos prejuízos citados na figura 8, os usuários, também, relataram outros tipos de prejuízos que estão representados na figura 9. O mais mencionado foi ficar mais tempo que o planejado na *internet* (foi relatado sete vezes) e que, por isso, perdem horas de sono ou deixam de realizar tarefas. Cinco pesquisas relataram a necessidade de permanecer online²⁴, ou seja, o usuário não conseguia se desconectar da rede, por isso, acabava permanecendo mais do que o tinha programado.

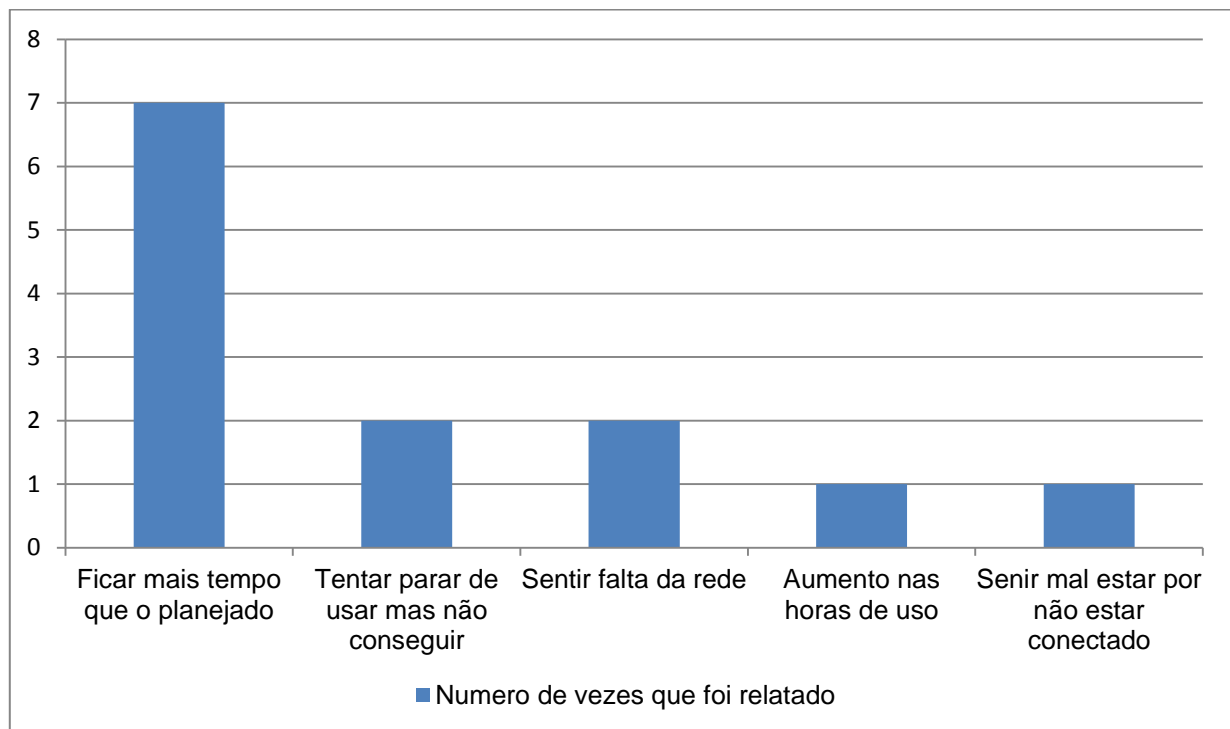


Figura 9 - Sintomas e sentimentos relatados a respeito da utilização da internet (N=13).

Apenas duas pesquisas, das 19 avaliadas, relataram que alguns usuários “sentem falta da *internet*” (Montanari et al, 2008 e Astonitas Villafuerte, 2005). Porém, esse é um sintoma que raramente acontece hoje em dia. Agora, existem os *smartphones*, que ficam o tempo todo em contato com a rede. Com dois cliques na tela do celular, pode-se acessar conteúdos da rede em qualquer lugar (o 3G, 4G ou wifi, se estiver presente), e

²⁴ Esse tema está embutido na categoria “ficar mais tempo que o planejado”.

em qualquer hora. Os aplicativos de comunicação como *Whatsapp*, *Kik*, *Snapchat*, *Twitter* e até mesmo o *Facebook*, agora, estão à disposição 24 horas por dia, e basta apenas acessar tal aplicativo pelo *smartphone*. Fortim (2013) diz que, com os aplicativos disponíveis o tempo todo “(...) as pessoas acabam misturando a vida virtual com os acontecimentos off-line” (p. 145).

Griffiths (2005) relata que existem conflitos na vida dos dependentes e estes comprometem as relações pessoais com pais, crianças, amigos e outros, acarretando também em prejuízos acadêmicos e escolares e, por último, o vício também interfere em outras atividades que o sujeito realiza.

As pesquisas americanas, brasileiras e latinas relataram os mesmos prejuízos e estes dados corroboram com os encontrados por Griffiths (2005). Problemas na vida pessoal foram observados em oito das 19 pesquisas levantadas para o estudo (Liu et al, 2011; Kim e Haridakis, 2009; Marlene, 2013; Fortim, 2013; Cortés e Carbonell, 2013; Dal Cin e Melo, 2013; Terres-Trindade, 2014 e Del Poço, 2014). Deixar de fazer tarefas para permanecer online foi relatado em nove das 19 pesquisas (Liu et al, 2011; Kim e Haridakis, 2009; Cortés e Carbonell, 2013; Lam-Figueroa et al 2011; Batista, 2011; Dal Cin e Melo, 2013 e Silva e Zanela, 2014, Fortim, 2013 e Del Poço, 2014).

Prejuízos acadêmicos e no trabalho são relatados em nove pesquisas também (Cortés e Carbonell, 2013; Cruzado Diaz et al 2006; Marlene, 2013; Fortim, 2013; Montanari, 2008; Silva e Zanela, 20214 e Del Poço, 2014).

Nota-se que existe um padrão entre os prejuízos relatados em 14 das 19 pesquisas analisadas encontraram algum tipo de prejuízo na vida do usuário. Assim podemos afirmar que o mau uso dessa tecnologia pode acarretar em grandes danos tanto na vida pessoal do sujeito como baixo desempenho acadêmico ou profissional e até em suas relações interpessoais, gerando conflitos com terceiros por conta do vício.

4.2.9 Sintomas físicos e psicológicos relatados

A figura 10 representa um total de 8 pesquisas que relataram algum sintoma físico ou psicológico.

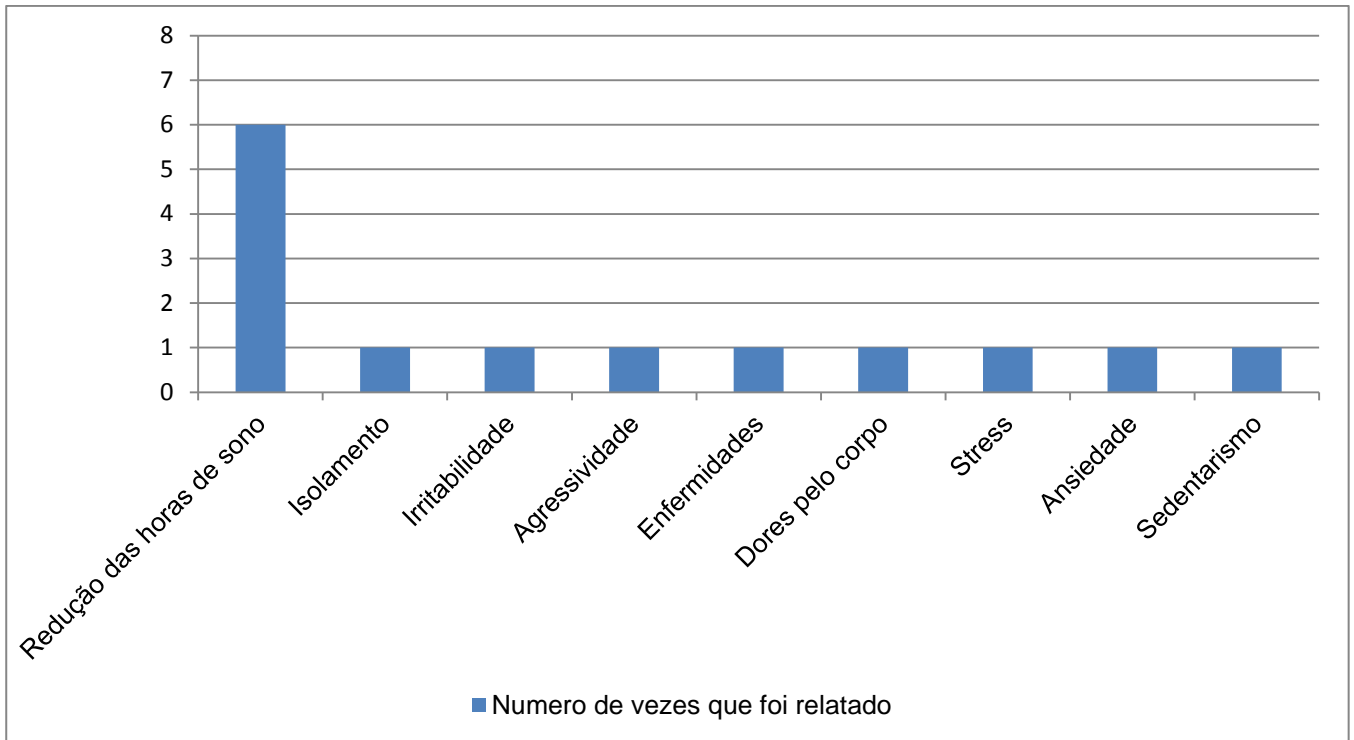


Figura 10 - Sintomas físico e psicológicos mais relatados (N=14)

A redução de horas de sono é disparado como o sintoma mais relatado. Apenas participantes de duas pesquisas, não relataram terem distúrbios no sono por conta do uso indevido da *internet*. Uma possível hipótese para tantos relatos de redução das horas de sono é que a maioria dos adolescentes se conecta na parte da noite e acabam ficando até de madrugada, ou virando o dia, assim afetando as suas horas de sono.

Quando a internet sai fora do ar ou não conecta, a maioria dos participantes relata nervosismos e critica as operadoras desse serviço pela má qualidade do produto.

Os dados encontrados aqui corroboram parcialmente com os encontrados por Abreu et al (2008), que coletou relatos de problemas de visão, privação de sono, fadigas e problemas com alimentação, além desses, depressão e ansiedade também foram citados.

Fortim (2013) encontrou em cerca de 16% de sua amostra comorbidades relatadas junto ao vício em internet, a mais relatada foi depressão, seguida de síndrome do pânico e transtorno de ansiedade generalizada.

Abreu et al (2008) menciona as comorbidades psiquiátricas que acompanham o vício em *internet* mais encontradas pelos pesquisadores da área, que são: depressão, transtorno do humor bipolar, transtorno de ansiedade e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

Liu et al, (2011) relata que estudos asiáticos tem encontrado fortes relações do vício em internet com depressão, comportamentos agressivos e abuso de substâncias entre os adolescentes. Os autores dizem que encontraram forte relação do vício em *internet* como: depressão, comportamentos agressivos e, assim, corroborando com os dados encontrados por Abreu et al (2008) e as pesquisas asiáticas. O abuso de substâncias (cigarro, maconha e outras drogas), também possui forte relação com o vício em *internet*, embora tenha sido constatado, apenas, na população masculina e que estava cursando o “*high school*”²⁵.

²⁵ High School corresponde à fase de ensino médio no Brasil.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados observados nas 19 pesquisas levantadas e na literatura de apoio utilizadas, podem-se tirar algumas conclusões. A primeira delas, é que existe uma correlação da *internet* com o gênero, parece que o vício está mais presente no sexo masculino, embora Bakken et al (2009, apud Silva e Zanela, 2014 p.10) (apud PEREIRA; PICCOLOTO,2010)²⁶ tenha colocado que existem grandes variações de uma amostra para outra e que o gênero (masculino ou feminino), não define o vício em internet.

A presente pesquisa foi realizada na busca de encontrar um padrão entre os resultados e também que esses corroborassem com os dados encontrados por Fortim (2013) e Del Poço (2014). O padrão se confirmou, juntamente com a correspondência dos dados encontrados neste trabalho com os encontrados por Del Poço (2014) e Fortim (2013), assim demonstrando que este transtorno possui “padrão” em relação a aplicativos mais utilizados pelos usuários. Também constatou-se padrão nos prejuízos causados pela internet, razão para utilização da rede pelos indivíduos e sintomas físicos e psicológicos.

Nota-se, também, que existe uma prevalência entre os testes utilizados, pois demonstra que 47% das pesquisas utilizaram o teste IAT da Dra. Young para classificar a suas amostras como dependentes ou não dependentes.

A média de participantes dependentes total de cada conglomerado foi de 3,5% para as pesquisas americanas, 16% para as latinas e 12% para as brasileiras, considerando todos os participantes de Fortim (2013) e Del Poço (2014), como dependentes, mas se retirarem esses números, a porcentagem cai para 3,2%. Os dados corroboram com os encontrados nas 19 pesquisas utilizadas para o trabalho, onde a maioria apontava entre 3 a 5% de sua amostra como sendo dependente. A alta taxa de dependentes encontrada na América Latina ocorre por causa da pesquisa de Marlene (2013), que ao aplicar o EAIL na cidade de Quito, encontrou 61,5% de sua amostra tendo escores para vício de internet.

Levando em conta que o usuário classificado como moderado pelo teste IAT já apresenta prejuízos em sua vida social e em sua saúde, os dados encontrados preocupam. Somando as pesquisas brasileiras que encontraram indivíduos dependentes

²⁶ Foi necessário realizar um apud de apud, pois não foi possível ter acesso a nenhuma das duas pesquisas. Além da procura na internet, também foi enviado e-mails aos autores das duas pesquisas que não responderam.

de *internet* e as pesquisas que utilizaram o IAT, constataram usuários moderados, chegamos ao número de 25% das amostras apresentando algum prejuízo em sua vida, por conta do mau uso de *internet*. Esse alto percentual destaca a necessidade de maiores pesquisas na área, a fim de melhorar a qualidade de vida dos usuários e alertar estes dos riscos aos quais são expostos.

Em relação às horas semanais utilizadas na rede, nota-se que a pesquisa de Marlene (2013) relatou cinco a dez horas semanal de uso enquanto Fortim (2013) de 42-82 horas. Assim pode-se dizer que os dados são impossíveis de serem comparados, pois não se sabe a quantidade de pessoas e a quantidade de horas que essas passam na rede. Por conta disso, a única conclusão possível é que, para o usuário permanecer muitas horas online (como foi constatado por Fortim (2013), 42-84 horas *online*; Dal Cin e Melo 14-70 horas *online* e Cruzado Diaz et al (2006) média de 42 horas *online*), ele tem que abrir mão de outras atividades, assim afetando sua saúde ou suas relações sociais.

Os aplicativos mais utilizados foram os de comunicação, sendo citados dez vezes. Em seguida, vêm as redes sociais, citadas sete vezes e jogos seis vezes. Os dados mostram que a principal razão para o uso da *internet* é o da comunicação com outras pessoas, seja fazendo novas amizades ou se comunicando com conhecidos que estão longe. Deziderio (2007) mostra que o indivíduo vai procurar os *chats*, quando sente solidão para tentar contornar esse sentimento. Young (1999, apud Fortim, 2013, p.28) aponta que *ciber*-relacionamentos é uma das categorias que causam dependência de *internet*.

Pode-se entender que a necessidade de comunicação o tempo todo é provinda da geração que nasceu com a internet. Os nativos digitais estão acostumados a permanecer *online* o tempo todo, ter acesso a uma quantidade exorbitante de informação e eventos acontecendo imediatamente.

O mundo em que vivemos hoje está em constante mudança que acontecem em uma velocidade inacreditável. As tecnologias facilitaram essa mudança, porém o mau uso dessas pode trazer graves consequências para a saúde do usuário, além de afetar sua vida social e profissional.

Muramatsu (2010) constata que seus participantes atribuem sentimentos positivos em relação à utilização da rede, e citam como vantagem compartilhar momentos com

quem está longe, mas esses ainda preferem um encontro presencial. Os dados encontrados por Muramatsu (2010) são conflitantes com os encontrados por Silva e Zanela (2014), que observam que, mesmo na escola, seus participantes preferem a rede (38,8%) do que os amigos (20,8%).

A internet é um meio onde podem-se utilizar de vários recursos muito ágeis, ao mesmo tempo. Por conta dessa rapidez, pessoas relatam sentimentos de desconforto, quando nossas mensagens demoram para serem respondidas, pois parece que os indivíduos se desacostumaram de esperar.

A partir da revisão bibliográfica, pode-se afirmar que a internet é uma tecnologia que nos oferece muitas ferramentas e que muitas vezes é fonte de prazer para as pessoas tanto pelas suas características inovadoras quanto por sua imediatividade. Cada um encontra o prazer em diferentes aplicativos, alguns sentem prazer na comunicação pela rede, outros pelo uso de redes sociais, acessando conteúdos adultos, em jogos, baixando arquivos, entre outros.

Não podemos negar os aspectos positivos e os avanços que a internet possibilitou para os seres humanos, mas também ao longo desses anos alguns pesquisadores começaram a notar que seu uso inadequado também pode gerar efeitos negativos aos indivíduos e que esses efeitos podem ser prejudiciais a sua saúde, como também afetar seus relacionamentos sociais e pessoais.

Os autores ainda não chegaram a um consenso a respeito da dependência de *internet*, ou seja, se esta é uma dependência tecnológica, um vício em si, ou se as condições psicológicas presentes do usuário é o problema e não a ferramenta em si. Cada autor irá defender sua “teoria de caracterização” deste problema. Fortim (2013) em sua dissertação de mestrado expõe algumas possíveis caracterizações para o vício em *internet*. Young defende que a *internet* pode causar vício ou dependência; Kandell afirma que a *internet* gera dependência, independente da atividade realizada na rede (critério mais utilizado na Ásia); Abreu vai defender que é um transtorno do controle do impulso; Warden acredita que dependência de *internet* não é um transtorno psiquiátrico, é apenas um meio onde os outros transtornos se dão e Carbonell e Griffiths defendem que é uma dependência comportamental (p. 28-31).

O prejuízo mais relatado nas pesquisas analisadas foi o de “deixar de fazer tarefas para permanecer conectado”, assim abrindo mão de compromissos ou até mesmo encontros com amigos para permanecer na rede navegando, conversando com pessoas, jogando, acessando conteúdo adulto, entre outros. Esse dado é preocupante porque eles demonstram que está ocorrendo uma substituição da vida presencial pela virtual, onde a presencial passa a ser menos importante e que pode esperar e a virtual não.

A dependência de *internet* não afeta apenas a pessoa que faz o mau uso dessa tecnologia, ela afeta também as pessoas com quem o dependente se relaciona na vida presencial e, por isso, “problemas sociais” foi o segundo relato mais encontrado. Durante a análise de *e-mails* do NPPI Fortim (2013) e Del Poço (2014) receberam queixas de terceiros procurando ajuda para o dependente. Foi relatado também brigas ou problemas na relação com pessoas do seu meio social por conta da rede nas pesquisas de Liu et al (2011); Kim e Haridakis (2009); Marlene (2013); Fortim (2013); Cortés e Carbonell (2013); Dal Cin e Melo (2013); Terres-Trindade (2014) e Del Poço (2014). Terres-Trindade (2014), em seu mestrado, constata que o terceiro motivo que mais gera briga nas famílias é por conta do uso de *internet*.

No Brasil, existem quatro centros de tratamento para a dependência de *internet*. O NPPI - Núcleo de Pesquisas da Psicologia em Informática - realiza uma orientação, via e-mail para assuntos gerais; e outra, sobre a dependência de *internet*. Para tanto, o usuário deve enviar um e-mail para a instituição solicitando ajuda. Os psicólogos do NPPI acolhem a queixa e, quando esta envolve problemas quanto ao uso compulsivo das tecnologias digitais, é oferecida uma forma de “orientação estendida”, via e-mail, com duração pré-determinada (troca de até 12 mensagens). Durante esse processo é feita uma reflexão conjunta sobre o tipo de uso em pauta. Ao final, se necessário, é feita uma sensibilização para que o usuário venha a ser encaminhado para um processo de psicoterapia presencial.

O PROAD é um centro mantido pela UNIFESP-SP e trata os dependentes de *internet* através de um programa que conta com psicoterapia grupal e individual, psicodinâmica, comportamental e ocupacional e também tratamento de possíveis comorbidades. O PRO-AMITI é mantido pelo Hospital das Clínicas de São Paulo, o serviço conta com pré-triagem, após a pré-triagem, ele é encaminhado para o psiquiatra

que avalia o caso e se for detectada a necessidade de tratamento, este é oferecido de forma grupal ou individual.

O CEFI, localizado em Porto Alegre, propõe uma forma diferente de tratamento para os dependentes químicos ou de *internet*. A instituição oferece um programa de Integração, que tem como objetivo tratar o dependente dentro de seu contexto, utilizando vínculos familiares, sociais e se necessário terapia, assim promovendo a mudança de comportamento.

Fortim (2013) ressalta que, na China, a dependência de *internet* é tratada como problema de saúde pública e que existem clínicas de internação e eletrochoque. Nos EUA a terapia cognitiva comportamental parece ser a mais indicada.

Griffiths (2005) defende que o vício é um comportamento de várias faces, que estas são influenciadas por fatores contextuais, que não se pode abranger por uma única perspectiva teórica. Segundo o autor, existem variações que dificultam a padronização. Para ele, a “variação entre diferentes grupos demográficos e nas características estruturais/ substanciais e de caráter evolutivo ou temporal do comportamento viciante”, dificultam a padronização. Para Griffiths, o melhor tratamento seria o biopsicossocial, que engloba as vertentes psicológicas, a biologia e a sociologia.

A padronização de um diagnóstico em um grande manual, como o DSM, é preocupante. Sauvagnat (2012) ressalta que o DSM-III²⁷ criou uma grande falsa epidemia de personalidades múltiplas e que esta acabou, quando o DSM-IV surgiu. Porém, este novo manual criou outras três grandes falsas epidemias: a de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade; Autismo e Transtorno Bipolar da Criança. Segundo Sauvagnat o DSM-V poderá criar 9 grandes falsas epidemias. O vício em internet, ainda, não foi incluído no DSM-V, mas ele pode aparecer na versão 5.1 ou apenas no DSM-6, será que o vício em internet poderá vir a ser uma falsa epidemia?

A padronização de um diagnóstico é muito difícil de ocorrer, porque, mesmo que o usuário frequente o mesmo tipo de aplicativo que outros usuários frequentam, os motivos que os levam a acessar podem ser diferentes. Assim, uma pessoa que utiliza chat, porque não consegue criar amizades no mundo presencial, ou se sente solitário, é totalmente

²⁷ DSM III foi publicado em 1980 e teve como diretor Robert L. Spitzer.

diferente de outra pessoa que utiliza o aplicativo, visando ampliar sua comunicação com seus amigos reais ou alguém que cria *fakes* nos *chats*.

Outra questão a ser levantada é o que está por traz da padronização desse diagnóstico em um grande manual como o DSM. Sauvagnat (2012) aponta que Spitzer, criador do DSM-III – R, acusa Kupfer (diretor do DSM-V), de ser financiado pelas indústrias farmacêuticas. Fortim (2013), quando aborda a questão da padronização, aponta também para que, se ocorrer, não deve ter “nenhum interesse por trás”. A autora, ainda, destaca que, hoje em dia, a questão da medicalização é muito comum. Assim, a distinção entre um usuário pesado e o usuário patológico tem que ser precisa, caso contrário, vários jovens serão medicalizados equivocadamente.

De forma que, serão necessárias mais pesquisas sobre o tema, para que a orientação a respeito da dependência de *internet* aconteça, e que seja possível ensinar os jovens a utilizar essa tecnologia de maneira saudável. A mídia brasileira aborda o tema focando em suas consequências negativas, porém a rede também é um local de prazer para muitos usuários, assim a mídia apenas “apavora” os usuários e aqueles que convivem com ele ao invés de alertar para o real problema.

Não há como se livrar da *internet*, pois ela está presente no cotidiano das pessoas, em quase todos os momentos, seja no trabalho ou nos relacionamentos. Assim, o que nos resta é desenvolver formas de usos saudáveis dessa tecnologia para utilizar de forma benéfica, assim evitando os prejuízos que o mau uso desta pode causar aos usuários.

6 REFERÊNCIAS

ABREU, C.N.; KARAM, R. G.; GOES, D. S. et al. Dependência de internet e de jogos eletrônicos: uma revisão. **Ver Bras Psiquiatr**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 156-67, Jun. 2008.

ANDREASSEN, C. S. et al. Development of a Facebook addiction scale. **Psychological Reports**, v. 110, n. 2, p. 501–517, 2012. Disponível em: <<http://www.amsciepub.com/doi/pdf/10.2466/02.09.18.PR0.110.2.501-517>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

ASTONITAS VILLAFUERTE, Lya Mainé. Personalidad, hábitos de consumo y riesgo de adicción al Internet en estudiantes universitarios. **Revista de Psicología**, Lima, v. 23, n. 1, p. 1-48, 2005. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=337829529003>> . Acesso em: 18 fev. 2016.

BARRETO, Robério Pereira. Dispositivos Móveis: Conectados à Internet: Usos, Aprendizagens e Dependências da Web. **Revista Digital da CVA-Ricesu**, v. 8, n. 34, jul. 2014. Disponível em: <<http://www.pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/viewFile/226/188>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

BATISTA, José Roniere Morais. **Internet Addiction: an analysis of its meaning and its relations with life quality**. João Pessoa, 2011. 105p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/6886?locale=pt_BR>. Acesso em: 19 fev. 2016.

BERRÍOS, LI., BUXARRAIS, M..Las tecnologías de la información y la comunicación (TIC) y los adolescentes. **Monografías virtuales**, n.5 , ISSN 1728-0001, 2005. Disponível em: <<http://www.oei.es/valores2/monografias/monografia05/reflexion05.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

BRASIL ESCOLA. Internet no Brasil. Disponível em: <<http://brasilescola.uol.com.br/informatica/internet-no-brasil.htm>>. Acesso em: 17 set. 2015.

CAPLAN, S. E.. A Social Skill Account of Problematic Internet Use. **Journal of Communication** v.55, n.4, p.721–736, 2005. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.14602466.2005.tb03019.x/abstract>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

CARBONELL, Xavier et al. Uso problemático de Internet y móvil en adolescentes y jóvenes españoles. **Anales de Psicología**, v. 28, n. 3, p. 789-796, oct. 2012. Disponível em: <<http://revistas.um.es/analesps/article/view/analesps.28.3.156061/137991>>. Acesso: 2 jan. 2016.

CEFI. Clínica de psicoterapia. Disponível em: <<http://www.cefipoa.com.br/index.php/psicoterapia/1>> Acesso em: 8 de mai. 2015.

CETIC. Acesso às tecnologias da informação e da comunicação (TIC). Disponível em: <<http://www.cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

CHRISTAKIS, Dimitri A. Internet addiction: a 21 st century epidemic? **BMC medicine**, 2010. Disponível em: <<http://bmcmmedicine.biomedcentral.com/articles/10.1186/1741-7015-8-61>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

CHRISTAKIS, Dimitri A., et al. Problematic internet usage in US college students: a pilot study. **BMC Med**, v. 9, n. 77, p. 1-6, jun. 2011. Disponível em: <<http://bmcmmedicine.biomedcentral.com/articles/10.1186/1741-7015-9-77>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

CONTI, Maria Aparecida et al. Avaliação da equivalência semântica e consistência interna de uma versão em português do Internet Addiction Test (IAT). **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo , v. 39, n. 3, p. 106-110, 2012 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010160832012000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 fev. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Censos DGP. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>>. Acesso em: 5 mai. 2016.

CRUZADO DIAZ, Lizardo; MATOS RETAMOZO, Luis; KENDALL FOLMER, Rommy. Adicción a internet: Perfil clínico y epidemiológico de pacientes hospitalizados en un instituto nacional de salud mental. **Rev Med Hered**, Lima, v. 17, n. 4, oct. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1018130X2006000400003&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 13 mar. 2016.

DAL CIN, Isabel Cristina T. P.; MELO, Marlene Catarina O. L.. Dependência de Internet: Um Estudo com Profissionais e Estudantes da área de TI em Belo Horizonte. In: **EnANPAD - Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração**, encontro 37, 2013. Rio de Janeiro. Disponível em:

<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2013_EnANPAD_ADI2347.pdf >. Acesso em: 3 de mar. 2016.

DEL POÇO, Thiago. **Análise de Solicitações de Orientação Psicológica Sobre Uso Abusivo de Comunicação Virtual: contribuições da abordagem analítico comportamental**. São Paulo 2014. 43p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia) - Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

DEZIDERIO, Herika Regiane. **As Relações Amorosas Pelos “Chats” da Internet: A Solidão na Contemporaneidade**. São Paulo, 2007. 135p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5511>. Acesso em: 6 abr. 2016.

DIRETÓRIO DOS GRUPOS DE PESQUISA NO BRASIL LATTES, Censo atual. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp/censo-atual/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

DONNAMARIA, Carla Pontes; TERZIS, Antonios. Algumas notas sobre as relações humanas mediadas por computadores. **Mental**, Barbacena, v. 10, n. 18, p. 165-178, jun 2012. . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272012000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 abr. 2016.

ECHEBURÚA, Enrique; DE CORRAL, Paz. Adicción a Las Nuevas Tecnologías y a las Redes Sociales em Jóvenes: Un Nuevo Reto. **Adicciones**, San Sebastián, v. 22, n. 2, p. 91-96, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.adicciones.es/index.php/adicciones/article/view/196/186>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

ERDOGA, Y. Exploring the Relationships Among Internet Usage, Internet Attitudes and Loneliness of Turkish Adolescents. **Cyberpsychology**, Istanbul, v. 2 n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.cyberpsychology.eu/view.php?cisloclanku=2008111802&article=4>>. Acesso em: 8 abr. 2016.

FAPESP. Análise da produção científica a partir de publicações em periódicos especializados. Disponível em: <<http://www.fapesp.br/indicadores/2010/volume1/cap4.pdf6>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

FERREIRA, Lygia Socorro Sousa. **Cibercultura, Imaginário e Juventude: A influência da internet no imaginário de jovens brasileiros**. São Paulo, 2009. 116p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=10396>. Acesso em: 6 abr. 2016.

FIEL, Gabriela Martinez. **Los grupos de charla de Internet como objeto de adicción: caso IRC**. Buenos Aires, 2001. 37p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia) – Facultad de Humanidades, Universidad de Belgrano. Disponível em: <http://repositorio.ub.edu.ar:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/277/3_fiel_martinez.pdf?sequence=2>. Acesso em: 3 mar. 2016.

FORTIM, Ivelise. **Aspectos Psicológicos do Uso Patológico de Internet**. São Paulo, 2013. 178p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

GRIFFITHS, M. D. A “components” model of addiction within a biopsychosocial framework. **Journal of Substance Use**, v. 10, p. 191–197. Disponível em: <http://www.academia.edu/429550/Griffiths_M.D._2005_.A_components_model_of_addiction_within_a_biopsychosocial_framework._Journal_of_Substance_Use_10_191-197>. Acesso em: 22 mai. 2016.

INSTITUO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Projeção da População Brasileira e das Unidades da Federação. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

KIM, J-H.; HARIDAKIS, P. The role of Internet user characteristics and motives in explaining three dimensions of Internet addiction. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 14, n. 4, p. 988–1015, jul. 2009. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2009.01478.x/citedby>>. Acesso em: 8 mar. 2016.

KUSS, D.J.; GRIFFITHS, M.D. Online Social Networking and Addiction—A Review of the Psychological Literature. **Int. J. Environ. Res. Public Health (IJERPH)**, v. 8, n. 9, p. 3528-3552, aug. 2011. Disponível em: <<http://www.mdpi.com/1660-4601/8/9/3528>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

LAM-FIGUEROA, Nelly et al. Adicção a internet: desenvolvimento e validação de um instrumento em escolares adolescentes de Lima, Peru. **Rev Peru Med Exp Salud Publica**, Lima , v. 28, n. 3, p. 462-469, Sept. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S172646342011000300009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 6 jan. 2016.

LIU, Timothy C. et al. Problematic Internet Use and Health in Adolescents: Data from a High School Survey in Connecticut. **The Journal of clinical psychiatry** v. 72, n.6, p. 836–845, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3686276/>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

MARLENE, Tipantuña Caiza Karina. **Adiccion a internet y sus consecuencias en adolescentes de la ciudad de quito en el año 2013**. Quito, 2013. 150p. Dissertação (Especialista em Medicina Familiar y Comunitaria) – Faculdade de Medicina, Pontifícia Universidad Católica Del Ecuador. Disponível em: <<http://repositorio.puce.edu.ec/handle/22000/5936>>. Acesso em: 13 mar. 2016.

MONTANARI, Robson L.; PILATTI, Luiz A.; SCANDELARI, Luciano. Os impactos da Internet no ambiente produtivo. **Revista EPTIC**, v. 10, n. 1, p. 1-13, abr. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/169/144>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

MURAMATSU, Vitor. **Influências da comunicação digital nos vínculos humanos**. São Paulo, 2011. 120p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-31082011-115113/>>. Acesso em: 6 mar. 2016.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Quem disse que é proibido ter prazer online?: Identificando o positivo no quadro de mudanças atual. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 22, n. 2, p. 12-21, Junho 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2015.

NPPI, Orientação. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nppi/orientacao_email.html> Acesso em: 27 abr. 2015.

O'BRIEN, C. P..Commentary on Tao *et al.*: Internet addiction and DSM-V. *Addiction*, v. 105, n. 3, p. 565, 2010. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1360-0443.2009.02892.x/references>>. Acesso em: 7 set. 2015.

OLIVEIRA, Fabrícia; PASQUALINI, Kele Cristina. Os Dependentes de Internet no Brasil: Realidade ou Mito Entre os Universitários. *Mimesis*, Bauru, v.35, n.1, p.95-140, 2014. Disponível em: <http://www.usc.br/biblioteca/mimesis/mimesis_v35_n1_2014_art_06.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2016.

PIROCCA, Caroline. **Dependência de internet, definição e tratamentos: revisão sistemática da literatura**. Porto Alegre 2012. 38p. Monografia (Especialista em Terapia Cognitiva Comportamental) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/40120/000826609.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

PROAD. Histórico. Disponível em: <<http://www.psiquiatria.unifesp.br/d/proad/historico/>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

PRO-AMITI. Dependência de internet. Disponível em: <<http://www.proamiti.com.br/>>. Acesso em: 10 mai. 2015.

PUERTA-CORTES, Diana Ximena; CARBONELL, Xavier. Uso problemático de Internet en una muestra de estudiantes universitarios colombianos. *Av. Psicol. Latinoam*, Bogotá, v. 31, n. 3, p. 620-631, dec. 2013. . Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242013000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 8 mar. 2016.

ROCHA BARRETO, Maria Cristina. **Juventude em Rede: A Questão da Amizade na Geração Y**. Mossoró, 2014. Disponível em: <[http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401950682_ARQUIVO_29aRBA\(2014\)GT007JUVENTUDEEMREDE\(codtrabalho5449740\).pdf](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401950682_ARQUIVO_29aRBA(2014)GT007JUVENTUDEEMREDE(codtrabalho5449740).pdf)>. Acesso em: 18 fev. 2016.

ROSSEL, M. C., SÁCHEZ-CARBONEL, et al. El adolescente ante las tecnologías de la información y la comunicación: Internet, móvil y videojuegos. *Papeles del psicólogo*, 28(3), p. 196-204, 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Xavier_Carbonell/publication/242199439_EL_ADOLESCENTE_ANTE_LAS_TECNOLOGIAS_DE_LA_INFORMACION_Y_LA_COMUNICACION_INTERNET_MVIL_Y_VIDEOJU

EGOS/links/542173000cf203f155c6bd03.pdf>. Acesso em: 8 abr. 2016.

SAUVAGNAT, François; NOGUEIRA SANTOS, Rodrigo Afonso. Considerações críticas acerca da classificação DSM e suas implicações na diagnóstica contemporânea. **Analytica**, São João del Rei , v. 1, n. 1, p. 13-27, dez. 2012 . Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231651972012000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 4 mai. 2016.

SEBASTIÃO, G.; LAMPKOWSKI, M.. Internet: Um Estudo Sobre O Comportamento de Dependência Psicológica em Estudantes Universitários. **ETIC - ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**, 5 2 08. 2009. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/view/2146/2336>>. Acesso em: 5 mar. 2016.

SILVA, R., ZANELA, B. Interferência da internet na vida social e emocional dos adolescentes de uma escola no sul do RS. **Encontro: Revista de Psicologia**, 17, mar. 2014. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/rencp/article/view/4758>>. Acesso em: 22 Abr. 2016.

TELECO. Estatística de Celulares no Brasil. Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/ncel.asp>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

TERRA, Jefferson Azevedo. **Dependência de internet na aceitação e uso de um ambiente virtual de aprendizagem**. Porto Alegre, 2015. 132p. Dissertação (Mestrado em Administração e Negócios) – Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://biblioteca.versila.com/27744671>>. Acesso em: 1 mar. 2016.

TERRES-TRINDADE, Michele. **Jovens Online: Práticas Parentais, Conflito Familiar e Dependência de Internet**. São Leopoldo, 2014. 102p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Faculdade de Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4740/MicheleTrindade.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

TURKLE, Sherry. Alone Together: Why We Expect More from Technology and Less from Each Other. Disponível em: <http://www.accenture.com/Microsites/gcf2011/Plenary/Pages/sherry_turkle.aspx>. Acesso em: 19 dez. 2015.

7 ANEXOS

7.1 Dicionário de termos e aplicativos

Redes sociais: Segundo o *site* Conceitos²⁸, podemos definir rede social como aplicativos de web que tem como finalidade o relacionamento entre as pessoas.

Twitter: Rede social que permite compartilhar frases de até 140 caracteres ou fotos.

Instagram: Rede Social onde inicialmente só se compartilhava fotos, porém hoje já possui um chat interno.

Facebook: Rede social para partilhar dados e acontecimentos, este também possui chats.

Wifi: Abreviação de Wireless Fidelity essa tecnologia consiste em não utilizar cabos, assim é enviado um sinal de um ponto fixo para outro (da antena para o aparelho).

Smartphone: É um celular que possui sistemas operacionais como os de computador, os dois principais são IOS (Apple) e Android.

Lan House: Estabelecimento onde se cobra uma determinada taxa por um determinado tempo de acesso a internet ou computador.

Tablet: Um pequeno aparelho que permite acesso à internet e outros aplicativos. Não possui teclado, assim ele é baseado na tecnologia *touchscreen* que é sensível ao toque, desta maneira eliminando a necessidade de botões.

Youtube: Site destinado a vídeos, assim os usuários tem acesso a milhões de vídeos com diversos conteúdos.

Google Acadêmico: Site de pesquisa que reúne diversos trabalhos acadêmicos.

Windows Live Messenger (MSN): Aplicativo de comunicação onde a comunicação se dava em tempo real com uma ou mais pessoas

WeChat: Aplicativo de comunicação para smartphones.

KIK: Aplicativo de comunicação para smartphones.

²⁸ Disponível em: <http://conceitos.com/rede-social/>

SnapChat: Aplicativo de comunicação para smartphones, porém este também permite o envio de fotos. O snapchat possui um recuso que permite estabelecer um determinado tempo para que a foto fique visível para a outras pessoas.

Salas de bate-papo ou salas de chat: Local onde é necessário um cadastro e a partir deste você pode acessar as salas de bate papo que geralmente são formadas por um grupo de pessoas.

Fotolog: Site de fotografia onde os usuários compartilhavam fotos

Jogos de RPG: Jogo que implica em uma realidade virtual onde o indivíduo cria e controla um personagem.

SKYPE: Aplicativo que permite a comunicação via chat, chamada de áudio ou chamada de vídeo.

Whatsapp: Aplicativo de comunicação para smartphones.

Fake: Perfil fictício criado por usuário para se passar por outra pessoa.

3G: É a tecnologia que permite a transmissão de dados a longa distancia para aparelhos móveis. O 3G permitiu o acesso a internet em alta velocidade via sinal a partir de um ponto fixo (antena).

4G: O 4G²⁹ é uma tecnologia que permite enviar dados de forma mais rápida, enquanto que o 3G ficava na faixa de 5-10 mb, o 4g pode chegar 100 a 50 mb.

E-mail ou correio eletrônico: É uma ferramenta que permite o envio de mensagens, arquivos ou figuras para outra pessoa que não precisa estar online simultaneamente.

SciELO: É uma biblioteca eletrônica que abrangem periódicos

Google acadêmico: Site que reúne artigos, teses, livros e resumos de diversas áreas do conhecimento.

Base de dados da PUC SP, USP e UNICAMP: São sites das respectivas faculdades que disponibilizam as produções acadêmicas destas.

²⁹ Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/12569-o-que-e-e-como-funciona-4g>

7.2 Tabelas

Site	Scielo	USP	PUC	UNICAP	Google Acadêmico
Data	28/09/2015	25/09/2015	25/08/2015	25/08/2015	18/11/2015
Palavras chaves	<i>Dependência de internet</i>	<i>Dependência de internet</i>	<i>Dependência de internet</i>	<i>Dependência de internet</i>	<i>Dependência de internet</i>
	<i>Internet Addiction</i>	<i>Internet Addiction</i>	<i>Internet Addiction</i>	<i>Internet Addiction</i>	<i>Internet Addiction</i>
	<i>Vício em internet</i>	<i>Vício em internet</i>	<i>Vício em internet</i>	<i>Vício em internet</i>	<i>Vício em internet</i>
		Internet	Internet	Internet	
Total por site	34	9	16	0	238
					Total 297

Tabela 3 - Total de artigos encontrados

Tabela 4 Detalhamento dos 19 artigos

Sigla	Autores	Título	Local de publicação	Ano de publicação	Nº de participantes	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Idade
EUA 1	Timothy C. Liu, Rani A. Desai, Suchitra Krishnan-Sarin, Dana A. Cavallo, Marc N. Potenza	Problematic Internet Use and Health in Adolescents: Data from a High School Survey in Connecticut	Estados Unidos da América	2011	3560	1610	1950	*
EUA 2	Dimitri A Christakis, Megan M Moreno, Lauren Jelenchick, Mon T Myaing and Chuan Zhou	Problematic internet usage in US college students: a pilot study	Estados Unidos da América	2011	224	103	121	média 18.8 anos
EUA 3	Junghyun Kim, Paul M. Haridakis.	The role of internet user characteristics and motives in explaining three dimensions of internet addiction.	Estados Unidos da América	2009	203	97	106	21.5 anos
AL 1	Diana Ximena Puerta-Cortés; Xavier Carbonell	Uso problemático da Internet em uma amostra de estudantes universitarios colombianos	Colombia	2013	595	220	375	média 19.7 anos
AL 2	Cruzado Díaz Lizardo, Matos Retamozo Luís, Kendall Folmer Rommy	Adicción a internet: Perfil clínico y epidemiológico de pacientes hospitalizados en un instituto nacional de salud mental.	Peru	2006	30	*	*	média 18.3 anos

Sigla	Autores	Título	Local de publicação	Ano de publicação	Nº de participantes	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Idade
AL 3	Nelly Lam-Figueroa, Hans Contreras-Pulache, Elizabeth Moriquispe, Martín Nizama-Valladolid, César Gutiérrez, Williams Hinostroza-Camposano, Erasmo Torrejón Reyes, Richard Hinostroza-Camposano, Elizabeth Coaquira-Condori, Willy David Hinostroza-Camposano.	Adicción a internet: desarrollo y validación de un instrumento en escolares adolescentes de Lima, Perú	Peru	2011	248	133	115	*
AL 4	Tipantuña Caiza Karina Marlene	Adicción a internet y sus consecuencias en adolescentes de la ciudad de Quito en el año 2013	Equador	2013	151	74	77	Média 17 anos
AL 5	Lya Mainé Astonitas Villafuerte	Personalidad, hábitos de consumo y riesgo de adicción al Internet en estudiantes universitarios	Peru	2005	66	32	34	17-28 anos
BR 1	Ivelise Fortim	Aspectos psicológicos do uso patológico de internet	Brasil	2013	189	136	53	18-58 anos
BR 2	José Roniere Morais Batista	Adição a internet: uma análise de seu significado e de suas relações com a qualidade de vida.		2011	691	394	297	Média 26 anos
BR 3	<u>Jefferson Azevedo Terra</u>	Dependência de internet na aceitação e uso de um ambiente virtual de aprendizagem	Brasil	2015	482	267	215	18-33 anos

Sigla	Autores	Título	Local de publicação	Ano de publicação	Nº de participantes	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Idade
BR 4	Ana Maria Nicolaci-da-Costa	Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito?	Brasil	2002	20	Não informado	Não informado	16-27 anos
BR 5	Robson Luiz Montanari, Luiz Alberto Pilatti, Luciano Scandelari	Os impactos da Internet no ambiente produtivo	Brasil	2008	50	Não informado	Não informado	Não informado
BR 6	Isabel Cristina Torres Pedrosa Dal Cin, Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo	Dependência de Internet: Um Estudo com Profissionais e Estudantes da área de TI em Belo Horizonte	Brasil	2013	240	Não informado	Não informado	Não informado
BR7	Rodrigo Sinnott Silva, Barbara Cordeiro Zanela	Interferência da Internet na Vida Social e Emocional dos Adolescentes de uma Escola no Sul do RS	Brasil	2014	356	132	224	Média de 15 anos
BR8	Gisele do Carmo de Oliveira Sebastião, Marcelo Lampkowski	INTERNET: Um Estudo sobre o Comportamento de Dependência Psicológica em Estudantes Universitários.	Brasil	2009	20	Não informado	Não informado	Média 25 anos
BR 9	Robério Pereira Barreto	Dispositivos Móveis Conectados à Internet: Usos, Aprendizagens e Dependências da WEB.	Brasil	2014	120	Não informado	Não informado	14-17 anos
BR10	Michele Terres- Trindade.	Jovens Online: Práticas parentais, conflitos familiares e dependência de internet.	Brasil	2014	200	48	152	15-24 anos

Sigla	Autores	Título	Local de publicação	Ano de publicação	Nº de participantes	Sexo Masculino	Sexo Feminino	Idade
BR 11	Thiago Francisco Peppe Del Poço	Análise de solicitações de orientação psicológica sobre o uso abusivo de comunicação virtual: contribuições da abordagem analítico comportamental.	Brasil	2014	15	Não informado	Não informado	adolescente até adultos
